



Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

A PROVIDENCIA.

A PROVIDENCIA.

POR

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA.

(RECORDAÇÃO DOS TEMPOS COLONIAES.)

TOMO II.

RIO DE JANEIRO 1854.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

RUA DA QUITANDA N. 55.

A PROVIDENCIA.



CAPITULO I.

AQUI....

Aquelle que se occulta para praticar o mal, occulta-se a seus proprios olhos, mas não aos olhos do mundo, e muito menos aos olhos de Deus!

Dous annos são passados desde o apparecimento de Pedro nestes logares: seus negocios vão optimamente bem; sua taberna, ou taberna de sociedade com Justino, está bem sortida, e com bastante frequencia: todas as noites ali se reúnem escravos dos fazendeiros vizinhos, indigenas, seus alugados, pretos quilombolas, e talvez desertores e criminosos, e todos estes compravão a dinheiro ou fiado; comião e bebião; erão bons amigos de Pedro, que podia dispor delles como muito bem quizesse.

Pedro, sempre perdido de amores pela Sra. Narcisa, vai todas as noites á casa de Philippe, onde se domora ás vezes até bastante tarde.

Dizem os nossos autores de memorias e annaes que Martim de Sá, capitão-mór e governador do Rio de Janeiro, com alguns indigenas goaytacazes e outros, levados da povoação de Sepitiba ou de Ytinga, talvez tamoyos ou garany, fundára, no anno de 1630, a aldêa de S. Pedro, distante de Cabo-Frio pouco menos de duas leguas. A cultura espirital e temporal destes neophytos foi comm etida aos padres da Companhia de Jesus.

Não podemos dizer se algum devoto, ou os padres, de moto-proprio, forão os instituidores de uma solemnidade religiosa que nessa aldêa tinha logar. Era na segunda sexta-feira da Quaresma a procis-

são dos Passos. Todavia essa procissão, que nos recorda o transitio do Homem-Deus desde o Pretorio de Pilatos até o cimo do Calvario, carregando a sua cruz, ahí era feita sem a menor pompa, mas com toda a devoção; diremos ainda, era feita com pouca decencia, mas com piedade inteira; e isto ainda acontecia em 1824, ultimo anno em que o narrador viu essa solemnidade. Nós teremos occasião de fallar desta bella aldêa, e desta cerimonia do culto christão.

Por agora basta que digamos que o Senhor dos Passos d'Aldêa houve tal fama de milagroso, que no dia desta procissão o numero dos fieis que de diversos logares concorrião para assistir a esta solemnidade era extraordinario! E tamanho era o fervor daquelles bons tempos, que pessoas moradoras a doze, quatorze e dezeseis leguas, deixavão então suas vivendas, e vinhão, neste dia de penitencia, depôr aos pés desta santa imagem seus votos, suas supplicas, lagrimas, esmolos, offrendas, e quantos talvez suas dores, arrependimentos e remorsos!

Agora supponha o leitor que é uma quinta-feira, vespera do dia de Passos. As entradas, que de varios pontos veem desembocar na Aldêa de S. Pedro, desde o meio-dia dessa quinta-feira, são batidas por um sem-numero de caminhantes. Aqui, fa-

mílias indígenas a pé, carregadas as mulheres de seus filhos e cestos com suas provisões, occupando-se os homens em irem adiante, levando unicamente um formidável *mangoal*, como lhe chamavam, de tinguacyba, ou gurumarim, ou ipê do campo, ou ainda de camará ou imbihú; ali, uma família de raça branca, mas pobre, caminhando a pé, como os indígenas; deste lado, carros cobertos de esteiras, formando uma especie de barraca, puxados por tres gordas juntas de tardos bois, que conduzião uma família abastada, deleitando-se em ouvir *cantar* o eixo de seu pesado vehiculo; d'outro lado alguns homens montados em soberbos cavallos, trazendo de garupa algumas mulheres; além, uma turba de cavalleiros alegres e folgazões a picarem os brios de seus corseis, e a apostarem ligeiras e perigôsas carreiras. Erão estes e outros os espectaculos que se debuxavão nessas estradas, guarnecidas algumas vezes de bosques medonhos; outras de alegres prados, agora de elevados montes, logo de suaves collinas, e sempre de agradaveis flores!

Emquanto isto se passava nas estradas, as ondas que se estendem da pequena cidade de Cabo-Frio até um dos portos da Aldêa de S. Pedro, e dahi até a praia de Mataruna e fazenda da Tiririca, nada tinham que invejar ás ondas de pocira que incessantes se agitavão e redemoinhavão nas estradas. Bojudas canôas carregadas de famílias sahião das praias do Cabo-Frio, e iam abicar ao porto da Aldêa, porto que della dista talvez meia legua; porque o costear a Ponte Grossa, para chegar á praia de S. Pedro, ora fazer um trajecto por mar de duas leguas talvez. Da praia de Mataruna ou Araruama, e outras que bordão esse mar, vião-se deslizar á flôr das aguas canôas peçadas do gente para irem aportar á praia de S. Pedro: o pois o porto e a praia da Aldêa cobrião-se de canôas, ao passo que a Aldêa enchia-se de carros, bois, cavallos e gente.

Neste dia Pedro esteve em casa de Filippe como costumava, e não sahiu d'ali senão depois das 11 horas da noite. A essa hora, Pedro, doixando a casa de Filippe, seguiu para a sua.

A noite estava bella, e céo puro o ar sereno; os dias, sem serem abrasados pelos sóes de dezembro, e nem resfriados pelos frios de junho, apresentavão um calor vivificante e um frio salutar, que, suavemente temperados, davão om resultado uma fresquidão animadora e verdadeiramente salubre. Erão pois 11 horas da noite: a lua, avantajada um pouco sobre seu quarto crescente, descia já das alturas dos céos, e obliquamente derramava sobre a

face da terra uma luz ainda um tanto embaciada, com que, não obstante, inundava os campos, os mares e as serras, cujas encostas, que olhavão para o poente, offerecião suas lindas e adoríferas flores, para namorar a porção de luz que o astro da noite languidamente derramava sobre suas frescas e aljofradas corollas.

De tarde uma agradável briza passou docemente no campo, ciciou nos arbustos, beijou as flôres, e fechando suas leves azas, recolheu-se no seio das flôres, onde foi dormir o somno do amor. A' noite a briza dormia e dormião as flôres. Tirai o piar funebre das aves da noite, o sibillar das serpentas, e os passos do viandante que passa na estrada, e o silencio da noite será a mais discreta harmonia do amor!

Entre a casa de Filippe e a de Pedro a distancia não era grande, e por isso Pedro ia e vinha sempre a pé.

Nesses tempos todas essas estradas erão guarnecidas dessas arvores gigantescas, cujas frondosas cópas, amplamente distendidas nos ares, ahi formavão uma espessa abobada, onde mal se infiltravão os raios do sol, e quasi que inteiramente baldados quebravão-se os raios da lua. Em um dos pontos da estrada em que os raios do bello astro da noite erão completamente repellidos pela densa folhagem desses vegetaes soberbos, e que debaixo desse tecto de verduras pousavão tranquillias as sombras de uma noite accommodada nos crimes, acaso Pedro com seus passos quebrava o silencio deste ermo, nesta solitaria hora da noite; e, como assim caminhava, e vinha todo vestido de negro, parou por um instante junto ao velho tronco de um antigo vinhatico: pouco depois o som do tropel de muitos passos veio quebrar-se em seus ouvidos; o eco de algumas palavras misturou-se com o som desses passos; o o mais é que alguém fallava, cuja voz não era estranha ao mancebo. A hora, a natural curiosidade, e a indiscrição de um moço muito bem criado, fizerão com que se occultasse: assim o nosso homoni, esgueirando-se por entre os troncos e pequenas arvores, escôou-se da beira da estrada; e, acororado entre uns arbustos, começou de espreitar o que na estrada se passasse.

Os que a caminhar vinhão fallando não se fizeram longo tempo esperar: seis vultos com tanta pressa caminhavão, que pelo seu caminhar davão a ontender que alguma necessidade os urgia. De frente do lugar em que se achava Pedro, isto é, em que as sombras erão mais carregadas, porque as cópas das arvores mais densas pela sua felha-

gem espancavão com mais força os raios do astro da noite, pararão os seis vultos, ao aviso de um, que aos companheiros disse :

- Aqui.....
- Sim, aqui.... disse outro.
- Que dizem ? perguntou o primeiro.
- Sim, aqui está bom, respondeu um delles.
- Então fiquemos tres de cada banda.
- E depressa, que elle não póde tardar.
- E' verdade, não póde tardar.

Este pequeno dialogo teve logar entre os seis personagens, os quaes, dividindo-se, collocarão-se á beira da estrada, tres de cada lado, e longe uns dos outros umas duas braças, pouco mais ou menos. Estes vultos assim separados prolongarão-se com as arvores mais corpolentas, e dest'arte se occultarão ; o que feito, guardarão o mais profundo silencio. Pedro, á vista destas disposições hostis, agachado, como estava, sem fazer o menor movimento, poz-se de observação. Dahi a alguns momentos o trotar de um cavallo, ou antes marcha, o que se conheceu pelo bater do freio, foi ouvido : um cavalleiro vinha pela estrada ; ao passar de rente pelos vultos, estes saltão sobre elle, armados de

grandes cacetes, que ao mesmo tempo descarregão sobre o cavallo, e o cavalleiro ; mas ou fosse que o cavallo fosse passarinho, ou que o habil cavalleiro estivesse de sobre-aviso, o certo é que o animal, estimulado, ou medroso como um gato, voou por cima dos dous vultos, que andaciosos collocados em frente pertendião embargar-lhe o passo ; neste salto o fogoso cavallo os lançou por terra ; e elles, assustados, ou feridos, gritarão na occasião da quéda ; e o cavalleiro, sem se lhe dar do que atrás se passava, continuou a correr enquanto seu cavallo entendeu dever fazê-lo.

Os quatro vultos acudirão aos dous, que não podião deixar de estarem um tanto maltratados ; e um delles disse :

- Está bom, meu Archanjo... até outra vez....

Os seis trocarão entre si algumas palavras que Pedro não ouviu, e se retirarão, levando os dous companheiros encostados sobre elles.

Quando Pedro entendeu que os sujeitos já devião estar longe, levantou-se, e murmurou :

- Conheço alguns.....

Pouco depois o moço chegou á sua casa. ●



CAPITULO II.

QUE PENA QUE NARCISA NÃO OUVISSE ESTE DISCURSO!

A descripção das scenas da natureza deleita, a dos costumes instrue.

Aquelle que só deleita torna-se superficial, o que só instrue, aborrecivel; casemos pois estas duas qualidades.

A formosa e magnifica bahia de Araruama é limitada pelo lado da terra firme, isto é, quasi do sul ao norte, correndo pela parte de oeste, por alguns montes, collinas e agradaveis lesiras, mais ou menos prolongadas com as praias, e mais ou menos entrahadas pela terra firme: os ultimos desses montes, que pelo norte a limitão, são os que se chamão—Ponta-Grossa.— Tal nome justifica a lembrança de seu autor; porque é a Ponta-Grossa (um pequeno cordão de terra entrado pelo mar) composta de montes, ou talvez de um unico monte, e assim terminada por um mais grosso, cujo topo se divide e remata em desigualdades; ou realmente terminada em uma reunião de pequenos montes, não tendo todavia todos mais do que uma unica raiz. Este cordão corre da terra para o mar talvez a rumo do sueste; e extremado pelo lado oriental a bahia dita, deixa-lhe unicamente o estreito ou boqueirão da Ponta-Grossa, por onde as suas aguas se vão communicar ás do oceano.

Longe da Ponta-Grossa, talvez menos de uma legua, levanta-se uma espaçosa collina, ou uma larga meia-laranja, beijada pelo lado do occidente e sudoeste pelas aguas da bahia, que ás vezes arrojadas com impeto pelo vento que dali dardeja, vão furiosas mugindo quebrar as equoreas sanhas n'uma agradável praia, sobre cuja branca arêa murmurando se precipita a alva espuma da onda, que em nevadas sanefas franja a despida praia em toda a sua agradável extensão.

Esta meia laranja, de figura quasi circular, e cujo diametro não chegará talvez a 500 passos, offerece um declive um tanto mais sensivel pelo lado do oesnoroste ate o susueste, pouco mais ou menos, isto é, por todo o lado da praia, que diz para bahia de Araruama e da terra, que se vai ligar com o cordão de Ponta-Grossa; por todas as partes porém que olhão para o essueste até o noruoroeste, partes que ficão para terra firme, a sua elevação é quasi insensivel. Foi sobre essa meia laranja onde

fundou-se a Aldêa de que ha pouco fallámos. Constava pois ella de uma espaçosa igreja, mas bastante acaçapada e pouco decente, de modo que o pavimento era composto de tampas de sepulturas, de madeira, como na verdade erão e ainda são algumas das pequenas cidades e villas: quanto a forro, esse não o tinha; o tecto pois era o telhado que lhe servia de cobertura, o qual era sustentado por duas filas de toscos pilares de alvenaria. Se a minha debil e cansada memoria permite que della me fie ainda, esta igreja, bastante vasta, e de mais para uma pequena aldêa, não tinha senão tres altares: o altar-mór, onde havia a imagem do orago S. Pedro, e dous lateraes; um creio que dedicado ao Senhor dos Passos, e o outro a Nossa Sênhora da Conceição, havendo todavia mais outras imagens, das quaes só me lembro bem da do Espirito Santo. A escada do côro era mesmo no corpo da igreja, e da mesma fórma a do pulpito, tambem um tanto toco, o qual estava fixo em um dos pilares.

Era pois sufficientemente grande, mas pouco decente a igreja de S. Pedro da dita aldêa: não obstante, ahí se celebravão as funcções do culto, sem luxo algum, mas com toda a devoção; sem grandeza alguma, mas com ardor religioso; sem as escandalosas pompas de hoje, mas com a fé desses bons tempos! Quanto á Aldêa, não era lá muito melhor; pois que constava de uma rua circular, que partindo de quasi junto da igreja, bordava a meia laranja pelos lados, que esta apresentava um doce declive até o lado da praia: as casas não passavão de humildes choupanas, feitas de pães a pique, e varas amarradas áquelles por meio do cipó imbô, cuja força e duração são partes que se admirão: estes casebres cobertos de sapê, ou tiritica, ou uricanna, não tinhão por todo o repartimento mais quo uma sala e dous quartos, quando muito: na frente da rua uma pequona porta bem no contro e uma janella de cada lado, pertencendo cada uma a um dos quartos: defronte á porta da sala havia outra que dava para o lado detrás; estas casas não tinhão quintaes nem cozinhas, porque seus donos não as occupavão por mais do dous dias; pois que morando elles em suas pequenas situações, só occupavão as cabanas da aldêa aos domingos e dias de festas, o então os que não trazião comida já preparada, cozinhavão junto a casa da parte de fóra, e o fogão para isto erão tres podras, servindo de trempo: já se vê que as casas não erão unidas umas ás outras, o que em verdade acontecia, porque erão rreadas por espaços, e algumas vezes não pequenos.

Tal era a Aldêa de S. Pedro no tempo a que me refiro, e pouco differia em 1824, excepto o ter então já duas, ou talvez mais casas cobertas de telhas, e se achar elevada a freguezia, em consequência da ordem regia de 8 de maio de 1758, mandando que as igrejas dos Indios, administradas até ali por Jesuitas, se erigissem verdadeiras parochias com o titulo de vigararias, e que o ordinario as fizesse servir por clérigos, seculares, etc.

Cumpre aqui dizer de passagem que poucas posições haverá tão agradaveis, tão encantadoras e tão pittorescas como essa em que está collocada a Aldêa de S. Pedro; é pena, é assás para lamentar-se que essa meia laranja, que tão graciosa e lindamente domina o mar que se lança para Aruama, e donde olhos divertidos se alegrão; aqui, em pequenos prados; ali, em baixas e pequenas collinas, reunidas, como um batalhão cerrado, cobertas de uma verdura sempre nova, e de flôres sempre renascentes; cá, em situações soberbamente collocadas, já no meio de um gracioso valle, já na planura de um outeiro ou collina, e já no declive de uma serra: lá, em pequenas embarcações, cuja branca vela di ares de uma nuvem que serena passa nos céos, ou em esguias canoas que varejadas cortão as ondas deste pégo azul, como o céu que o cobre, e ás vezes socegado e tranquillo como a face de um céu claro e brilhante, e ás vezes revoltado e irritado como a face de um céu tempestuoso; além, nos cimos das serras, agora azues como as campinas ethêricas, e logo brancas como a neve do inverno, porque o anjo da tempestade, repouando em um ou outro topo, desdobra por alguns delles o seu pesado manto, tecido do fogo, d'agua e da nuvem; ó pena, digo, que esse bello lugar seja tão mesquinho d'agua potavel.

Hoje esta Aldêa está inteiramente mudada: os indigenas teem successivamente desaparecido; pouco já resta dessa raça que possuia este bello terreno, desde um tempo que o mesmo historiadador não conhece positivamente! Os pobres casebres desabárão ás mãos do tempo, e em seu lugar erguerão-se soffríveis casas, de modo que da primitiva Aldêa nada mais resta que a igreja, a qual ainda hoje chamão algumas — o convento —, porque o templo communicava com o edificio em que moravão os padres da Compaulhia de Jesus; edificio que, como os nossos conventos, constava de salões, corredores e cellas. Enfim, a Aldêa de S. Pedro é hoje um bello arraial: oxalá que muitas

villas, e até da provincia do Rio de Janeiro, valessem metade delle!

O narrador pediu ha pouco aos seus leitores que figurassem que era uma quinta-feira, vespera do dia dos Passos; pois bem: agora, continuando ainda em um pedido, porque quem escreve pede muito, máo ó quando lho não concedem tudo; e entretanto os pedidos são tão pueris e insignificantes, que não prejudicão nem offendem pessoa alguma: continuando pois em seu pedido, desejo que o leitor e o auditor, ou auditores, se os ha, figurem que é chegado o dia cuja vespera foi a quinta-feira dita.

Ora pois, desde essa vespera entrão na Aldêa cavalleiros e cavalleiras, carros carregados de familias, gente de pé de todas as idades, de todas as côres, de todos os estados e condições, e de ambos os sexos; da mesma sorte atracavão ao porto ou á praia da Aldêa canôas tambem carregadas. Do meio dia em diante o pequeno arraial se ufanava pela variedade das caras e dos vestuarios de mais de duas mil pessoas, que ali se agitavão como um cardume de peixes, e que no pequeno espaço da meia-laranja redemóinhavão como o pó, volteando nas azas do vento da tempestade. E' um despropósito dizô-lo, mas é de despropósitos que se compõe a vida do homem, e ainda a do mais sisudo, e assim digo que nessa reunião havia mil e tantas caras sem nomes, não obstante talvez houvesse algum nome sem cara.... é tão caprichosa a fortuna! Quanto porém aos outros volumes que enchião a Aldêa, erão cavallos, bois, carros, canôas, caixas de roupa, cestos de provisões de boca e montes e montes de velas de cêra offercidas ao Senhor dos Passos.

Pelas 5 horas da tarde, pouco mais ou menos, a procissão começou de desfilar pela porta do templo para correr seu transitio. Ao apparecer o grande pendão do *S. P. Q. R.* um respeitoso silencio succedeu á vozeria de mais de mil vozes, que indiscretas se confundião. Nestes tempos não se havia talvez assentado em considerar, como logares honorificos, os das quatro pessoas que em taes procissões levão os quatro cordeis ou guias do pendão, e se em tal havião assentado nas côrtes e grandes cidades, os jesuitas directores destes indigenas lhes não tinham feito adoptar este costume. Parece que a necessidade havia creado esses logares, porque sendo o pendão um tanto grande, e estando sujeito a perder o equilibrio a uma refega de vento, julgou-se bom, o ó, que o pendão fosse sustentado por quatro guias, que o conservassem sempre em

equilibrio, ainda apczar de uma grande rajada de vento. Depois, quem sabe, seligarão a esse pendão idéas mais significativas, figurando-o como um emblema da religião, visto que as suas quatro iniciaes dão uma idéa do mysterio sobre o qual se assenta toda a religião christã; e nesse caso este pendão devia ser conservado e sustentado sempre em pé, e já se vê que para isto só quatro braços athleticos! O que porém é verdade, e até mui notavel, é que nos logares onde as guias do pendão são levadas por altos personagens, o pendão mesmo é levado ahi por algum pobre diabo que nem por isso é mui digno de figurar no meio desses figurões!... não que o pendão peça alguma cousa.... e os grandes da terra não são bois de carga.... ahi está o povo, que para elles trabuca.... Ainda ha nisto uma harmonia, e é que os magnates que levão as guias do pendão representão os nobres, os grandes, os bemaventurados da terra; e o pobre diabo que leva o pendão, representa pura e simplesmente o povo; porque o povo crea, construe e levanta; os grandes conservão e desfrutão! Se não, dizei o que significa esse pendão, ou que idéa se lhe liga? o que significão esses nobres ou poderosos da terra, que o sustentão, e esse homem do povo, e tão desconhecido, que o carrega? Ora, eis o como o homem sempre creador e engenhoso sabe transformar suas necessidades e miserias em grandezas e pompas!

Sahiu pois o pendão carregado por um dos indigenas da aldêa, e o mesmo erão os que levavão as guias. A' vista do pendão, depois de alguns minutos, o silencio foi quebrado em algumas partes. Erão vozes de moças e meninos curiosos, que pedião a seus maridos e pais, ou encarregados, a interpretação das quatro letras do pendão. Com effeito, diversas interpretações ali apparecêrão. Cada um as traduziu segundo os seus caprichos, ou antes instrucção, que a tal respeito lhe havião dado. Um estudante, para parecer bem a uma amavel senhorita, a quem aprezentava seus rendimentos e finezas, disse que significavão uma pergunta feita pelos Sabinos aos Romanos, e a resposta destes áquelles, isto é: *Sabino Populo Quis Resistit?* que veem a ser: *Quem resiste ao povo sabino?* Sendo a resposta dos Romanos: *Senatus Populus Que Romanus*, isto é: *O senado e o povo romano.* Adiante um bom velho dizia, em tom mesmo de um chefe de familia, a seus filhos, que a tal respeito o havião interrogado: — Aquellas letras (dizia elle) significão: *Santos passos que correm as ruas!*

Pedro, o nosso conhecido velho, que não estava longe do logar, riu-se desta estúpida interpretação; e o seu bello caixeiro, que estava com elle, perguntou-lhe.

— O' patrão, aquelle Q só significa *Que correm!*

Pedro riu-se ainda mais da observação do seu caixeiro.

Este pediu-lhe tambem a interpretação das taes letras.

— Só sei de duas, disse Pedro.

— E quaes são? tornou o caixeiro.

— Estas: *Silenter Prudens Qui Rapit.*

— E o que vem a dizer em nossa lingua?

— Que é *prudente quem rouba silenciosamente.*

— E a outra? perguntou ainda o caixeiro.

— E' esta: *Solus Potest Qui Rapit*, tornou Pedro.

— E o que vem a ser?

— Que *Só Rouba Quem Póde.*

Com effeito, todas estas interpretações estavam de harmonia com os sentimentos de Pedro. O pensamento complementar da ultima interpretação, como o mesmo Pedro o explicou, era: *a porque só não rouba quem não póde!* O narrador guarda-se bem de fazer a respeito qualquer observação; e só nota que o *Solus Potest Qui Rapit* de Pedro podia soffrer mais traducções diferentes, sem violencia ao texto. A que Pedro deu foi, como vimos: *Só rouba quem póde.* Ha ainda estas: *Quem Póde Rouba Só;* com este pensamento complementar: *Porque admittie companheiro quem não póde roubar só.* Ha ainda outra, e que é a primeira, que vem logo ao pensamento, em consequencia da collocação latina (quo em verdade não é tão arbitraria como muita gente pretende). Esta, além de mais natural, não carece de pensamento algum para completa-la. Ei-la: *Só Póde Quem Rouba!* Talvez algum velho latinista, maniado de argucias, acho mais meios de traduzir a horrivel proposição do Pedro; quanto a mim, digo que me não pago do estar quebrando a cabeça por causa de quatro palavras latinas, que já aqui vão traduzidas do tres differentes maneiras. Além de que, traduzir quatro palavras da lingua latina em tres maneiras diversas, é assás mostrar que essa lingua prostava-se a immensas volhacadas.

Circularão ainda outras muitas interpretações. Não falhou o infallivel *Salada Pão Queijo Rapadura* dos garotos, que tambem nosse tempo já os havia. Ouvirão-se ainda, calidas da boca de um venerando velho, em tom doutoral, as palavras: *Salva Populum Quem Redemisti*; isto é: *Salva o povo que remiste.*

Ao passo que a procissão desfilava pela porta da igreja, Pedro avistou Philippe com sua familia, e se aproximou d'elle. Depois das saudações, disse Pedro a Narcisa:

— Sra. Narcisa, diga-me, o que significão aquellas letras?

A moça olhou para as letras, depois para Pedro, e corando disse n'um tom gracioso:

— *Senhor Pedro, Quer Rir-se?*

Pedro, contente deste rasgo de espirito, exclamou:

— Muito bem... muito bem, minha senhora!

Sahiu emfim a procissão, depois que os que carregavam o andor vencêrão a difficuldade de ganhar a rua, deixando a porta da igreja. O andor não era carregado pelos irmãos, mas sim por penitentes, e por tantos quantos o andor admittia; de modo que enquanto ali se podião pôr mãos ou hombros, essas mãos e esses hombros erão admittidos debaixo do andor; assim era elle carregado por uma densa turma de penitentes. A difficuldade da sahida do andor provinha não só dessa turma que o carregava, como de outra maior que o rodeava. Esta turma de penitentes, em numero de muito mais de cem, julgava não poder saciar a sua devoção sendo indo bem junto do andor; e nem um querendo perder o seu logar ao chegar á porta da igreja se opprimião, se atropellavão, de modo que a procissão sahia sempre tumultuariamente.

O andor era pois circumdado de um grande numero de penitentes, sendo estes mulhères descalças com os cabellos desatados e cahidos sobre as costas; homens nus da cintura para cima, açoutando-se desapietente; estes carregados de grandes pesos, aquelles maniatados de tal modo que não podião caminhar e seguir o andor sem grandes e dolorosos esforços; uns com os pes agrihoados do mesmo modo; outros carregados de uma grande porção de ossos humanos, etc. Os irmãos da irmandade do Senhor dos Passos, que compunhão o prestito, erão todos, ou quasi todos, indigenas. A procissão seguiu o caminho que devia, em redor da meia laranja, contemplando os passos om grandes cruces fincadas no chão, a espaços graduados. A falta do decencia que reinava nesta solemnidade não podia ser prevenida nem remedida pelos padres; porque provinha do immenso ardor roligioso que caracterisava aquellas almas cheias de fé, o talvez de resignação: eis pois o motivo dessa multidão em roda do andor, e dessa immensidade de mulhères que acompanhavão a pro-

cissão: comtudo o respeito e a devoção erão tão vivos, que a unica cousa que interrompia o silencio desta solemnidade erão as vozes lastimosas dos que cantavão o Psalmo *Miserere*, o os sons das correntes e dos açoutes dos penitentes. A' entrada da procissão o tumulto e a vozeria forão maiores, porque todos querião tomar um logar commodo para ouvirem o sermão, em que o orador tinha de commemorar o passo do Calvario. Apesar do grande aperto, o prestíio piedoso cõseguiu recolher-se quando ainda o sol brilhava sobre o uosso horizonte; pois naquelles tempos de fé, de esperanças e caridade, isto é, tempos de amor, os que fazião procissões não tinhão por fim o ostentar o luxo e riquezas de algumas ordens terceiras e irmandades, mas sím o expor aos olhos dos fieis os passós diversos da paixão do Redemptor, ou as imagens de alguns santos, excitando os fieis á virtude e á penitencia, apresentando-lhes estes magnificos exemplos! e por isso as procissões, exceptuando poucas, erão de tarde.

O pulpito em que o ministro de Deus devia lembrar aos homens os padecimentos, os transes, as agonias e a morte do Homem-Deus, estava collocado na porta da igreja, de modo que o prégador pudesse ser visto e ouvido não só pelos que estavão dentro do templo, como pelos que estavão fóra d'elle. Recollida a procissão, o orador subiu ao pulpito, e ahi, tomando por thema estas palavras do discipulo amado: « *Et bajulans sibi crucem, exivit in eum, qui dicitur Calvaria...* » desenvolveu um discurso analogo ao objecto, em que respiravão uma doutrina pura, verdades santas e maximas sublimes, tudo cheio de verdadeira unção.

Neste bellissimo discurso o orador fallou da vida futura e da immortalidade d'alma, com tal convic-

ção e enthusiasmo, que farião tremer ao mais desenfreado atheu!

Que pena que Narcisa não ouvísse este discurso! Ella o deveria ter ouvido; mas Pedro teve cuidado em reter a Filippe de tal modo, que esta pequena manobra não só lhe aproveitou para que a familia de Filippe não entrasse o templo, como que ficasse tão longe do prégador, que Narcisa não pudesse ouvir nem uma só palavra do sermão. Pedro já ia sabendo fazer as cousas com alguma limpeza.

Defronte á porta da igreja, e não muito longe della, havia um cruzeiro; era uma grande cruz de madeira cravada em uma grossa pilastra de alvenaria: era junto do cruzeiro que estava Filippe com sua familia quando Pedro a elles se reuniu. Juntò do mesmo cruzeiro estava um ancião, que não desviava os olhos de Narcisa: o narrador não pôde assegurar se Narcisa deu fé deste ancião e de seus olhares; o que é porém verdade é que algumas vezes a moça para elle mandou vistas furtivas. Quando Filippe, sua familia e Pedro acompanháão a procissão, este ancião os seguiu. Durante o sermão da entrada elle ficou pouco distante dos mesmos. Findo o sermão, Maria quiz ir beijar o pó e a corda do Senhor dos Passos: os quatro, convém saber, Filippe, sua mulher, sua filha e Pedro, entrarão; o ancião ficou á porta da igreja como esperando-os. A familia retirou-se, voltou á casa em que se havia hospedado; Filippe e Pedro tomárão seus cavallos, e promptos estes, o velho tomou a sua mulher de garupa, e Pedro a Narcisa, e assim tornárão para sua casa.

O ancião, que parece que tinha seu cavallo pouco distante dali, appareceu montado, e seguiu-os: os quatro chegarão á casa de Filippe, onde ficarão: o ancião seguiu o seu caminho.



CAPITULO III.

EU VOS AMO....

Os amantes gostão de illudir-se, e nas suas illusões, antes de um desengano, relacionão a si as mais innocentes acções do objecto que adorão : mas estas illusões constituem as felicidades do amor ; nem elle se ufana de outras !

Ah ! meu Deus ! pobre autor ! Parece-me estar ouvindo os queixumes, as celeumas e as crueis criticas vociferadas contra tudo o que o autor desta historia tem até aqui escripto !.... Paciencia : mas o que é verdade é que ninguem ganha alviçaras pela novidade. O autor desta historiazinha sabe bem que tudo quanto tem escripto desde o principio da historia até o presente, é frio, sem acção, sem movimento, e de pouco ou nenhum interesse ; mas que fazer ? O autor entendeu lá de si para si que assim devia escrever ; e já agora mal ou bem, com razão ou sem ella, cumpriu o seu desejo ; e então, amigo leitor, ou illustre leitora, agora uma de duas : ou aguentar a massada, ou fechar o livro.... Entretanto convem-me que cheguemos a um accordo : pois bem ; não se agoniem ; talvez que o autor compense seus leitores por uma tal massada. Ahi se diz todos os dias que em a natureza tudo são compensações ; então na humanidade deve haver o mesmo.

Até agora todas as provisões que o autor tem feito para a sua viagem tem sido apenas colhidas em um pequeno theatro, isto é, em uma roça, como vulgarmente dizemos ; agora vamos mudar de theatro, e occuparmo-nos de personagens novos : ao menos encontrar-nos-hemos com gente nova.

Aquelles para quem escrevo conhecem bem esta cidade do Rio de Janeiro, e sabem que ha um seculo esta bella Sebastianopolis não passava de uma pequena cidade feia, irregular, de ruas estreitas, praças desertas, com janellas guarnecidas de postigos, de rotulas, etc. ; porém, cumpre dizê-lo, mais asseada que hoje, mais salubre, menos nas erysipelas ; e, o que é mais, muito mais morigerada e religiosa : os rapazes dizem que não, mas os velhos dizem que sim.

Agora rogo ao leitor que queira ter a bondade de acompanhar-me até esta cidade, e que comigo penetre em o interior de uma casa terrea, um tanto espaçosa, mas pouco elegante,

situada na rua da Ajuda. Esta casa era assente do lado do morro do Castello, a meia distancia do largo da Mãe do Bispo, como hoje se chama, e rua de S. José ou do Parto, como então se dizia. A casa terminava pelos fundos em um terreno elegantemente plantado, ou antes em uma bella chacara, pequena sim, mas magnificamente bem disposta, a qual entestava com o morro do Castello; no entanto que, dilatando-se sobre os fundos das casas vizinhas, que erão pequenas, offerecia um espaço assás grande para uma chacara encravada no meio de uma cidade: todavia, para o tempo não admira. Algumas arvores de espinhos, como bellas laranjeiras, limoeiros, limeiras, não poucas arvores fructíferas de outras qualidades, como romieiras, marmeleiros, fruteiras do condo, etc., erão as arvores que decoravão este pomar, que era ao mesmo tempo jardim, porque ali se offerecião á vista, cuidadosamente plantadas, regadas e collidas, as mais bellas e graciosas flôres que nesse tempo costumavão a plantar entre nós. Além das arvores fructíferas e das bellas plantas de jardim, vegetavão tambem ali outras muitas plantas hortenses, escolhidas não só para os misteres da arte culinaria, como tambem para os regalos das mesas de luxo. No fundo desta deliciosa mansão vegetal, ondo a chacara terminava no morro, um cerrado batalhão de soberbas bananeiras, cujas copiosas touceiras tocavão-se reciprocamente, apresentava um como sombrio bosque, onde se abrigavão discretas e suaves sombras, fosse qual fosse a estação, e onde na calinosa um voluptuoso frescor convidava a membros lassos o aquebrantados por um sol do estio a gozarem as doçuras de uma deliciosa sesta, amorosamente seduzida o voluptuosamente affagada por acalantador susurro que produzião as grandes folhas roçando-se doce, mas ligeiramente, umas nas outras; movimento este que suavemente lhes imprimia a brisa da manhã e da tarde, que, quebrada do encontro ao morro, vinha depor nas folhas das bananeiras os seus moribundos suspiros.

A casa, bom que não em deusasia grande, bem quo pouco olegante no exterior, era comtudo muitô asseada no interior, e tudo quanto nella havia tão decente, tão bom disposto, e em tanta ordom, que não se podia duvidar um só instante da educação, gosto e proposito das pessoas que a habitavão. Estas orão uma menina, de quem depois fallarei, o uma grave matrona, talvez a chefe da familia, cuja cabeça já era assás matizada do honrosos cabellos brancos, e que parecia trazer so-

bre si o peso de quarenta e tantos invernos, mas robusta, fresca, alegre e jovial, sempre de physionomia expansiva e de humor doce; era alta, gorda, elegante, sadia, e ainda bem agradavel, e por cima de tudo isto não lhe faltava honra, e tinha sublimes virtudes!

Quanto á menina, duvido, e muito, que a possa eu descrever; todavia tentarei fazê-lo, e empregarei todos os meus recursos para dar aos meus leitores um esboço ao menos, já que mais não posso, deste mysterioso typo, cujas feiticieiras, ou antes angelicas fórmas, escapão á minha debil imaginação, como as nuvens do céu perdem essas fórmas fantasticas que lhes dá a maior distancia de nossos olhos, ao passo que o vento da tempestade as faz approximar da face da terra.

Tem quinze annos, pouco mais ou menos. Quinze annos é a idade em que em nossa terra a belleza ostenta todas as suas graças virginaes. Aos quinze annos é a aurora das paixões, as idealidades da vida, a primavera do amor, a quadra dos risos, a estação das flôres da existencia, e finalmente a copiosa sementeira em que verdeja a esperança! Tudo ali é feliz, porque tudo é puro; tudo é magnifico, porque tudo é porvir; tudo é bello, porque não ha saudades do passado, nem temores do futuro!

Tem quinze annos pois: idade em que uma vaporosa belleza tem tantos farpões para ferir peitos sensiveis, como mezes ha nesses quinze annos, nessa idade de mysterios!

Seu rosto, de uma alvura suave, mas não excessiva, não ostentava tambem no meio de suas tizas faces a vigorosa purpura de duas frescas rosas; esse céu das Graças, por sobre o qual uma suave aurora de amor parecia que começava de estender um purissimo raio, era levemente toldado por duas mactutinas nuvens, ligeiramente tingidas por um certo clarão dessa aurora, cujo delicado alar ali despontava apenas! A moiga pallidez que severamente a desbotava, mas com ineffavel graça, dava a esse rosto de anjo um ar agradavel, um aspecto de bollo, e um não sei que de sublime e mysterioso! Seus negros olhos grandes e um tanto brilhantes, mas alguma cousa languidos, movendo-se com amortecimento sobre um delicioso fundo aperolado, erão a manifestação de um affecto tranquillo, de um coração quo palpitava sem crimes, seguindo as oscillações de ternas, mas honestas idéas! Um sorriso, que ás vezes fagueiro brincava em torno do seus roseos labios, era digno, e bem digno da divina boca de ním anjo de Deus! Elegante altura,

corpo delgado e esvelto, fôrmas absolutamente bellas, e porte magestoso, tornavão a esse todo de encantos um digno modelo para o milagroso pincel do pintor de Urbino!

Abstrahi por um momento seus negros cabellos, cujos anneis desatados ornamentavão seus alvos hombros e seu collo de alabastro, e que contrastando a brancura de seu rosto, tão lindamente o molduravão; abstrahi esses amorosos olhos, olhos de que amor faz suas pomposas galas; abstrahi ainda esses labios de rosas, que guardão cuidadosos um invejavel thesouro de perolas orientaes, e as suaves vêas, cujo celoste anil com tanta graça desenhase na neve de tão pura tez; e ali tereis uma bellissima estatua do mais fino e mais branco marmore de Carrara, digno portento do cinzel de Canova!

Esta sublime revelação do bello da natureza era um sorriso da Divindade, que a natureza materialisára em uma mulher, e que depois de materialisado, a mesma natureza adora como um pensamento do mesmo Deus!

As duas pessoas que acabo de descrever-vos não são novas para vós, respeitavel leitor: de passagem já toquei nellas, e até vos disse o nome de uma: sabei pois que a grave matrona é Rosa, cunhada de João Baptista, tia e madrinha de Rosa Branca, de quem já vos fallei: essa Rosa Branca é esta menina cujas lindas fôrmas acabo de pôr sob os vossos olhos.

As mais pessoas da casa erão alguns escravos.

Rosa Branca, sendo um anjo na belleza, o era tambem no coração, no genio e nos costumes: sua educação era brilhante para aquelle tempo.

Um bello moço moreno, de cabellos negros, olhos um tanto pardos, alto, bem feito e bem apessoado, e, o que era mais, de optimos costumes, e não poucas virtudes, era uma das pessoas que assiduamente e com alguma liberdade frequentava esta casa. Este personagem tambem não é novo; chama-se Archanjo. O leitor lembrar-se-ha daquella noite de quinta-feira, vespera do dia dos Passos; e lembrando-se, lembrar-se-ha tambem que Pedro viu seis vultos fazerem-lhe uma espera, e que escapando o esperado, graças á agilidade de seu cavallo, um dos vultos disse:—*Está bom, meu Archanjo.... até outra vez.*—É pois esse moço um dos que frequentava com assiduidade, e sem cerimonia, a casa de Rosa. Agora saiba tambem o leitor que Archanjo era aquelle bello e elegante cavalleiro que em uma manhã chegou á casa de Philippe, montado em um posante cavallo mursello.

TOMO II. C

Além deste havia ainda um personagem, que com mais assiduidade, e mais liberdade que elle, visitava a bella matrona: mas deste fallaremos depois, e com mais individualidade.

O narrador suppõe que o leitor não se esqueceu de que em uma casa vizinha desta, paredes em meio, estiverão Justino e Pedro, e que foi dahi que Pedro acertou de ver a Rosa Branca. Agora fiquemos certos de que Justino mora nessa casa quando está na cidade, o que acontece quasi sempre.

Estamos no fim do anno. O mez de dezembro, aceso com todos os fogos tropicaes, que soe dardejar sobre nossa terra o inflammado Capricornio, começa de deslizar seus abrasadores dias, cujas tardes (felicidades daquelles tempos) são sempro refrigeradas pelas chuvas da trovoadade, que o benefico anjo da tempestade, amigo do anjo das florestas, conduzia sobre seus bosques, afim de purificar nossos ares fumegantes pelos raios de um sol que a prumo os crestava. Hoje o anjo das florestas desviou seus bemfazejos olhos de nossos campos sem bosques, e o bom anjo das propicias tempestades levou seus beneficios a outros povos mais felizes que nós, talvez por mais economicos e mais virtuosos.

Era pois o mais bello tempo, e talvez o unico feliz para os escolares, durante ainda toda a sua vida, porque era o tempo das grandes ferias. Uma grande parte das familias havia temporariamente deixado suas casas da cidade para passarem no campo, com mais liberdade e mais prazer, a estação calmosa, tão difficil entre nós, tão critica, e tão pouco sadia.

Rosa prepara-se com sua feitiçeira sobrinha para ir passar o Natal na fazenda de seu cunhado João Baptista. Archanjo está na fazenda de seu pai, pouco distante, como o leitor o sabe, da fazenda do mesmo Baptista, da de Campos-Novos, e da casa de Philippe. João Baptista vem á cidade para conduzir sua cunhada e filha: Archanjo, não sabemos porque nom para que, vem em sua companhia.

Deixemos estes dous viandantes caminhando para a cidade, e voltemos nossos olhos para outra parte.

O leitor sabe que ha ainda um personagem que frequenta a casa de Rosa, e do qual disse o narrador que fallaria depois mais minuciosamente; ainda não chegou porém a occasião de tratarmos desse personagem: por agora basta que saibamos que essa pessoa tem em casa de Rosa não só liberdade illimitavel, como um poder absoluto: seus de-

sejos erão decretos, suas palavras um evangelho : enfim esta pessoa podia o quanto queria.

Em uma manhã entrou a casa de Rosa este personagem, trazendo em sua companhia um mancebo recém-chegado de Lisboa, o qual, além de ser seu sobrinho e recommendado, era ainda proximo parente de Rosa e de sua sobrinha. Este mancebo foi apresentado á matrona e á donzella, que o receberam como a um parente, e que era protegido e recommendado por quem era !

O moço, desde o dia de sua apresentação começou de frequentar a casa, e com tanta assiduidade, que ás vezes chegava a ser indiscreto.

Era elle filho de uma nobre familia portugueza, que comquanto tivesse alguma cousa de seu, este haver não podia aproveitar a D. Geraldo de Pina (personagem de quem ora me occupo), porque era filho seguudo ; pois que todos os bens do morgado devião passar vinculados, como é sabido, a seu irmão mais velho. Quanto a alguma herança eventual, com essa não contava elle, porque não via d'onde.

Geraldo de Pina recebeu soffrível educação : aos vinte annos de sua idade, ou mais alguma cousa, era elle um moço um tanto alto e bem feito ; inha cabellos negros e crespos, olhos tambem negros, grandes e perspicazes, sobranceiras cerradas, nariz aquilino, olhar firme e audaz, testa espaçosa, rosto sobre o comprido, pouco moreno e pouco corado ; maneiras desembaraçadas, mas polidas, ar activo e modos afdalgados. D. Geraldo de Pina era um moço bonito e um cavalheiro completo. E' preciso convir que as maneiras do Sr. de Pina, o seu orgulho desproizador de bagatellas, assentavão optimamente em sua alteza de fidalgo !

Ver Rosa Branca sem ama-la cousa não era muito facil, o leitor bem o terá comprehendido. Se Rosa Branca, tão bella como era, fosse uma menina pobre, poderia estar sujeita a uma seducção, e a um desamparo talvez ; mas herdeira de um fazendeiro rico para aquelle tempo, bem se vê que sua mão seria muito pretendida, por causa de dons poderosos incentivos—ouro o formosura. Além disto, e da saude, tambem pouco mais é pelos homens desejado, porque o saber poucos o procurão, se é que muitos o deseção. Demais, as glorias do sabor são difficéis, penosas o tardas ; as da saude, essas são inapreciaveis ; as do ouro amenisão a vida, e as da formosura a deleitão !

O Sr. de Pina descobria em cada dia novos encantos, novas graças na linda virgem, de quem esta-

va já bastante enamorado. Pensando lá de si para si, comprehendeu bem que lhe seria um casamento assás vantajoso o casamento com uma rica herdeira, cujos encantos deleitarião sua vida, e cujo ouro a amenisaria. E que mais queria um fidalgo sem fortuna, sem emprego, tendo commettido o grave erro de não ter seguido as armas, não obstante o nenhum interesse que nesse tempo tal vida offerecia ? ! Além de que, os fidalgos, ainda os de primeira plana, quando pobres, pensão que o brilhantismo do ouro, por ser algum tanto superior, offusca de alguma maneira o brilhantismo de seu puro sangue, e assim estimão liar a pureza de seu sangue azul com o amarello do ouro, o que é o mesmo ouro sobre azul, apesar da baixa origem deste, extrahido d'entre o pó da terra, que elles tão soberanamente desprezão, chamando pó a todos os que se não devem envergonhar de avós ociosos, sanguinarios, ou que dispunhão do fructo do suor alheio, como do fructo de seu proprio suor. E' que a aristocracia de familia tem alguma cousa de bello, mas a do ouro tem muito de sublime, e casar o bello com o sublime é prudente e de muito bom gosto, além de assás vantajoso para um fidalgo e conscio de sua alta linhagem, e duvidoso de sua gaveta.

Enamorado pois o Sr. de Pina tanto da belleza, como da fortuna de Rosa Branca, assentou prudentemente que devia primeiro que tudo tactear seu coração. A figura do nesso fidalgo, seu nascimento, sua protecção, suas maneiras, sua educação, e os ligos de sangue com a familia de Rosa, erão partes para que concebesse elle algumas esperanças a respeito do resultado de seu projecto : accrescendo que estas esperanças erão de alguma sorte acorogadas pelas maneiras delicadas de Rosa Branca.

O Sr. do Pina desfazia-se em amorosas atencções, em respeitosos obsequios, e em delicadas lizezas para com a moça, que de sua parte, tomando tudo isto como finos rasgos de civilidade de um mancebo bem nascido, como polidezas de um moço criado em uma das principaes côrtes da Europa, e como espirituosos galanteios de um joven habituado a grandes salões, longe de mostrar-se osquiva, não deixava de dar algum azo á coiza, que lho fazia o fidalgo com toda a dedicacção.

Será conveniente que o leitor admire a rapidez dos projectos do Sr. de Pina ; porque ver a moça, ama-la, assentar seu plano, e decidir-se, foi tudo a obra de poucos dias !

Uma tarde o Sr. de Pina entrou ; as senhoras estavam no jardim ; elle lá foi ter : ahi, aproveitando um ensejo em que Rosa estava distante de sua sobrinha, o fidalgo fallou a esta em termos mais precisos. Disse pois :

— Que felicidade !

— De que, meu primo ? perguntou a menina.

— Destas flôres ! Destas flôres plantadas, regadas, cultivadas, e felizmente colhidas com tanto mimo, e com tanto afan veladas pelas mãos mimosas da mais bella das creaturas de Deus !....

— Oh meu primo ! isso não é sincero....

— Malditos sejam do peccador os labios que se movem para enganar os anjos de Deus ! Maldição sobre o espirito do crime, que procura enganar o espirito da innocencia ! Ah ! permitti que vos fale em uma linguagem de confiança e de amor. Ao ver-vos no meio deste delicioso jardim, alegrando com vossos divinos olhos estas felices verduras, e animando com vossos celestes sorrisos estas bemaventuradas flôres, que, tão variadas, tão coloridas, tão cheirosas e bellas, como que á porfia derramão em torno de vós suaves ondas de voluptuoso perfume, encantador thesouro de seus delicados calices, pleiteando entre si a gloria de vossos amorosos desvelos, confesso que, tomado de um religioso respeito, considero-me em um delicioso jardim, plantado por mãos divinas de invisiveis nymphas, velado por beneficos genios, e protegido por deuses ! E eu vos contemplo como a deusa desta celeste mansão, a Flora deste bemaventurado jardim, mas a nova deusa das flôres, mil vezes mais bella, mil vezes mais cheia de encantos que a velha deusa dos antigos jardins ! Então abalado pela extrema força de um culto intimo, sinto que profano esta gleba sagrada, que felices cultivão as mãos divinas da mais bella de todas as deusas !

— Quanta lisonja.... meu Deus !....

— Lisonja ! Ah ! não. Permitti ainda. Pois não é, bella Rosa Branca, pois não é um ser privilegiado, um ser altamente feliz, um ser invejavel, o ser que goza uma só, uma só de vossas amorosas vistas ? Ah ! que eu trocára vinte gloriosos annos de minha mais bella vida por um só, um só de vossos adoraveis sorrisos, sorrisos tão cheios das graças da Divindade, e que farião felices aos proprios anjos dos céos ! Rosa Branca, consenti que meus tremulos labios rompão o mysterioso véo que abafa o meu coração, desde o memoravel dia em que meus olhos depararão com vossos celestes encantos ! Consenti que em vossos ouvidos de virgem minha alma entorne um segredo de amor....

— Mas, meu primo, minha tia quer retirar-se, e mal me fica o não acompanha-la....

— Rosa Branca.... eu vos amo....

— Mas minha tia, senhor.... ella nos vê, e me espera ; é preciso que eu a siga.

— Mas ah ! uma resposta... Não sou digno de uma só palavra desses labios divinos ?...

— Senhor... eu sou uma pobre menina, educada nesta pequena cidade, onde a educação que se dá ás moças é por demais acanhada : assim não tenho bastante agudeza para penetrar o intimo de suas palavras mysteriosas, nem tão pouco o desembaraço proprio para haver-me no meio da densa nuvem de seus escolhidos incensos ; em consequencia, pouco ou nada entendi de tudo quanto disse. Todavia se entendi alguma cousa, tenho que responder-lhe que ainda sou muito menina, e que amo ainda muito a minha liberdade : não obstante, creio que o que acabou de dizer-me deveria ser dito a meu pai, mas em outros termos. Permitta que me retire.

Rosa Branca disse, e desapareceu.



CAPITULO IV.

ELLE AMAVA SINCERAMENTE A ROSA BRANCA.

Quando amamos sem termos a posse do objecto amado, somos malignos para nós mesmos: gostamos de ferir nosso coração, e de o ver gotejar um sangue putreficado; esperançados porém sempre de que aquella que amamos um dia cerrará nossa ferida com o balsamo do amor.

Cinco dias depois desta declaração do Sr. de Pina a Rosa Branca, chegou á cidade João Baptista, que vinha buscar sua cunhada e sua filha para irem passar a festa na roça.

Archanjo, segundo havião tratado, devia, em um ponto certo e hora dada, espera-los na Praia Grande, para dahi reunidos seguirem para suas fazendas, que erão vizinhas, como o leitor sabe, do que atrás deixámos dito.

No seguinte dia á declaração do Sr. de Pina, este não pôde sahir, o que lhe aconteceu ainda nos seis dias que se seguirão, por se achar um tanto incommodado por causa de uma constipação.

As senhoras apromptárão-se, e dous ou tres dias depois da chegada de Baptista partirão para roça. Na Praia Grande Archanjo se reuniu á comitiva, e todos seguirão sem o menor inconveniente.

D. Geraldo de Pina, em consequencia do seu incommodo, não pôde ir despedir-se das senhoras; mas mandou as suas despedidas por seu tio, que era a pessoa que o havia apresentado em casa de Rosa. O leitor bem poderá calcular o dissabor do mance-

bo não podendo despedir-se de Rosa Branca pessoalmente.

Deixemos os quatro viandantes caminharem para as suas fazendas, e vejamos o que tem pensado o Sr. de Pina sobre a resposta de Rosa Branca, e no que tem assentado.

Se o leitor ligar á resposta dada pela moça a D. Geraldo um tom grave e um modo reprehensivo, nós teremos em suas palavras uma severa reprehensão dada ao cavalheiro, e uma nobre lição aos afeminados lisongeiros; mas Rosa Branca, ou fosse modo seu, ou arte, ou fosse para não offender o seu parente, e protegido de um homem ao qual sua tia respeitava e amava tanto, misturou tanta benevolencia com suas reprehensões, e juntou-lhes de tal geito um de seus tão amaveis sorrisos, que o mais grave e circumspecto dos homens, por ventura enamorado desta linda menina, não duvidaria expor-se a estas reprehensões, uma vez que fossem ellas tão benevolmente dadas, e seguidas de tão consolador sorriso!

Gostaria Rosa Branca da declaração do Sr. de

Pina? Enfadar-se-hia com ella? Eis o que me é absolutamente impossivel dizê-lo; e se o intentasse, seria uma temeridade; correria o risco do mentir e de enganar aos meus leitores; e o que é mais, podia involuntariamente attribuir ao coração desta menina sentimentos que lhe fossem inteiramente estranhos; assim a tia pois calunia-la, embora não verdadeiramente.

Ora as palavras de uma mulher nem sempre estão em harmonia com sua alma: é verdade que aos quinze annos uma completa simulação é impossivel, ou quasi impossivel. O olho observador que cuidadoso segue os passos, os gestos e os olhares dessa idade, poderá sem grandes tratos á imaginação vê-la trahida em seus disfarces, e desconcertada debaixo de sua propria mascara, mascara que tão mal se ageita, que tão mal cabe, e que tão mal diz em uma tão bella idade! Não obstante, ás vezes imprudentes exigencias paternaes, planos envenenadores, e assassinos das delicias do coração e das felicidades do amor, obrigão a uma menina tão tenra a tomar sobre si um pesado rebuço, que entorpece seus ageis membros, e desformisa seu delicado corpo; e sobre seu rosto uma triste mascara que lho desbota o verniz virginal!

Assim, sejam quaes forem as palavras de uma mulher, seja qual fôr o seu rosto, respeitemos o seu coração, esse sanctuario do mystorios, e algumas vezes tremendos, e onde se guarda discretamente um culto intimo e silencioso, porque não tem fôrmas externas; mas verdadeiramente solemne, porque é rodeado do todo o apparato das idéas, o assistido pela pompa de sua alma toda inteira, e verdadeiramente supremo, porque se fundamenta em uma fó inabalavel! Deixemos pois a bella Rosa Branca.

Quanto ao Sr. de Pina, posando elle bem as suas circumstancias, bom que a resposta da menina não fosse precisa, o tão positiva como elle a quoria, comtudo dava-lhe não poucas esperanças, tirando bom agouro do suas ultimas palavras, dizendo que era a seu pai a quem elle so devia dirigir: mas seria esta resposta acanhamento natural de uma donzolla de quinze annos, não acostumada a magnificos salões? Soria uma resposta evasiva, para livrar-se do impertinente cavalheiro, que tão indiscretamente andára importunando-a quasi ante os olhos do sua tia? Seria que Rosa Branca tinha livre o coração, o não duvidava ligar-se com quem seu pai o quizosso? A primoira hypothese ó talvez gratuita; Rosa Branca nenhum acanhamento re-

velou em sua resposta; ficão as duas ultimas e qual-quer dellas bem admissivel; eu o creio.

O Sr. de Pina sabia que era uma boa qualidade o ter nascido no reino, e optima o ser bem nascido; elle o era; além disto era bonito e bem feito; e o ser um moço bizarro é um merito aos olhos de qualquer senhora. Faltava-lhe fortuna, é verdade, mas o pai da moça a tinha, e assim Rosa Branca lhe dava uma fortuna, e elle a ella um nome distincto, que lisongearia o amor-proprio de Baptista.

Demais, Rosa Branca era ainda muito menina; tinha apenas os seus 15 annos, pouco mais ou menos; e nessa idade talvez estivesse ainda livre. Seu tio, amigo intimo de Baptista, tinha um quasi imperio absoluto tanto sobre este como sobre Rosa; parecia-lhe impossivel que seu tio não approvasse um tão vantajoso casamento; e, approvando elle, poder lhe não faltava para persuadi-lo, não só ao pai e a tia da joven Rosa Branca, como a ella mesma, no caso de alguma ligeira esquivança. Além de que, se Rosa Branca fosse amada de alguém, pensaria ainda o Sr. de Pina, esse alguém, quando não frequentasse a casa effectivamente, appareceria ao menos uma vez por outra, e elle, ninguem que lhe dêsse suspeitas tinha visto em casa de Rosa. Assim todas as combinações do Sr. de Pina eram sempre em seu favor. Em consequencia, o mancebo assentou de pedir a Baptista a mão de sua filha: entretanto, firme neste proposito, não quiz communicar-lo a seu tio. E todavia mister fazer justiça a este bello moço: elle amava sinceramente a Rosa Branca; e, se alguma cousa de seu possuísse, não duvidára desposa-la, ainda sendo ella pobre. O Sr. de Pina contava apenas vinte e tantos annos; nessa idade a ambição está incubada em nossa alma! E' essa a idade de nossas generosidades, de nossos bellos ideaes, e de todas os nossos mystérios, cujo principal é sempre a gloria de nossas bellas acções! E' mais tarde que as necessidades da existencia matão no coração humano as idealidades da vida! Então evaporão-se as effusões lyricas de uma bella fantasia, o nada mais resta que a prosa da amarga realidade!

O Sr. de Pina pois, não vendo quasi obstaculo algum a seus amores e á sua felicidade, figurava-se em seu bello ideal o mais feliz do todos os homons; mas bem pouco durava esta snave canção de sua amorosa felicidade, porque desapparecia logo, cedendo o campo á triste elegia de amargas duvidas, creando elle mesmo á sua ventura não poucas e angustiosas difficuldades! E'

que o coração humano, gostando de fazer brotar espinhos no meio do flôres, para depois colher flôres no meio de espinhos, acha não sei que prazeres em misturar a luz de seus amores e de suas esperanças com as sombras das duvidas e das dificuldades; e no meio desse crepusculo de luz e de sombras, fabricar com arteira fantasia, fecunda de alvitres, angustias imaginarias, dôres ideaes e tormentos fantasticos, para no fundo desse artefacto, aborrecido artefacto! labyrintho de lagrimas, de ais e de suspiros, martyrisar-se sem dô, e martyrisar-se bem a seu barbaro gosto!

Agora que o Sr. de Pina está mais que muito firme no proposito de pedir a seu pai Rosa Branca em casamento, deixemo-lo só com seus amores e esperanças, com seus receios e temores, e com todas as suas fantasias de prazeres e dôres, e lancemos uma ligeira vista d'olhos sobre os nossos habitantes do campo.

A festa do natal não se passou tão bem como elles o esperavão, mui particularmente Archanjo; porque apenas chegou á sua casa, voltando do Rio de Janeiro com Baptista, sua filha e cunhada, seu pai caliu enfermo. O pai de Archanjo tinha os seus cincoenta e tantos annos, e por isso não era a idade que assustava, mas sim a doença, cujo character parecia serio.

O leitor estará lembrado que quando Philippe e sua familia estavão junto ao cruzeiro da igreja da Aldêa de S. Pedro, um ancião não desviava os olhos de Narcisa, e que este ancião seguiu a familia quasi por toda a parte até á cancella ou tranqueira da casa de Philippe. Notai agora nesta coincidencia: na mesma hora em que o Sr. de Pina fazia suas declarações a Rosa Branca, este ancião pedia Narcisa em casamento, e a obtinha de seu pai, que comquanto lh'a dêsse de mui boa vontade, não era comtudo sem grande admiração. O velho Philippe suppunha que daria sua filha em casamento a Pedro; e contra a sua expectação a dava neste momento ao rico fazendeiro João Baptista!

Justino estava então na roça. Pedro, algum tanto enfiado, lhe deu a noticia deste proximo casamento. Justino com um sorriso assás designativo disse-lhe.

— Eu dou-te os parabens....

— Como?! perguntou Pedro.

— Eu dou-te os parabens.... Não te deixes desmontar. Toma bem sentido.... João Baptista já é velho, e quer-se constituir teu protector....

— Mas....

— Olho aberto.... e pé ligeiro. Eu te direi o que deves fazer.... Sê prudente, e cala-te.



CAPITULO V.

NADA DE PRETEXTOS.

O homem começa a perder a cabeça quando começa a amar! A causa da loucura cessa quasi sempre, mas raras vezes os effeitos della!

Não foi para longo tempo espaçado o casamento de Baptista; e em consequencia voltou elle á cidade no meiado de janeiro para apromptar-se, trazendo da roça sua filha e cunhada para tratarem do seu enxoval.

No dia seguinte ao de sua chegada forão todos visitados pelo Sr. de Pina. Archanjo estava tambem na cidade; mas não sabemos a razão porque estes dous mancebos, que ião assiduamente á casa de Rosa, ainda ali se não havião encontrado. No outro dia (o seguinte ao de sua visita) o Sr. de Pina pediu a Baptista uma audiência particular; ella lhe foi concedida, e o Sr. de Pina, logo que se viu só com o pai de sua querida, fallou-lhe nos seguintes termos:

— Sr. Baptista, ha pouco tempo acho-me no Rio de Janeiro, e esse pouco tempo não dá que Vm. tenha de mim um cabal conhecimento, como é mister no negocio de que vou tratar. Dotado eu de uma franqueza a toda a prova, e de um character generoso, ignoro esses refalsamentos subtis o pequenos, habeis manejos, ou antes occultas intrigas com quo se deleita, o de que vive, por assim dizer, a alta sociedade. A honra e a fran-

queza são o unico pharel do batel da minha vida. O que vou dizer não lhe causará espanto. O pai da linda Rosa Branca deve estar sempre preparado para ver a todos os instantes cahir aos pés de sua bella filha mil despedaçados corações amantes, o ouvir ollo mesmo, após de amorosas confissões, as ternas supplicas de seus amorosos pretendentes! Eu sou um delles; e tambem autolhando neste puro amor a minha felicidade, não procurei, nem se me dá de saber se a mulher a quem amo é por outro ou outros pretendentes amada. Seguindo o meu caminho, sem jámais desviar-me da honra, ou tenho de caminhar por uma estrada franca, ou abri-la eu mesmo; em qualquer dos dous casos, ou o passo me será livre, e passarei sem custo, ou, retido por algum importuno estorvo, é mister que o esmague, ou que seja eu esmagado! Neste momento porém só sei de mim, só de meu amor, e nem me importa saber o que pensa, o que faz, e o que fará o mundo! Só um grande pezar está ligado ao meu amor; é o de ser sua filha rica, e não sô-lo eu. Quizer a contrario; quizer a ser eu o mais rico de todos os homens, e que ella fosse a mais pobre de todas as mulheres; então poderia depor a seus pés, com

um nome illustre, um Potosi de riquezas ; mas... sou franco, nada tenho senão um nome illustre e o futuro, futuro para mim tão precioso na balança do fado como as mesmas riquezas do Novo-Mundo ! Com mais facilidade se adquirem riquezas que virtudes. Amo pois a senhora sua filha... e são todos os meus votos de hoje ser esposo dessa donzella encantadora ! Disse-lhe que o pouco tempo que tinha desta terra não dava que Vm. tivesse de mim um cabal conhecimento ; mas sem fallar em meu tio, que lhe parecerá suspeito, ha aqui mais alguem que me conheça. Cumpre notar : se Vm. ambiciona para sua filha um esposo tão rico como ella, ou ainda mais, não estando eu nesse caso, desde já dou de mão ao meu empenho, sem todavia dar de mão ao meu amor, pois isso de mim não depende ; mas se deseja para ella um marido, como um pai prudente o deve desejar, eu deponho aos pés da bella Rosa Branca um nome sem mancha, um amor sem igual, e offereço-lhe a minha mão.

— Sr. D. Geraldo de Pina, respondeu Baptista, agradeço, e muito me honro pela escolha que V. S. acaba de fazer da pessoa de minha filha para sua mulher, honra esta que eu jámais ousaria esperar ; mas é mister que lhe diga : minha familia é mais obscura do que pensa ! Meu pai não conheceu seus pais, ainda mais, não nasceu filho legitimo ! Talvez minha filha seja raça impura de uma geração bastarda ; talvez que provenha de uma avó Africana de pelle negra, ou de uma Tamoya ou Tupy de pelle escura : não é esta gente de pelle negra a que se reduz á escravidão só por esse unico motivo ? Não é essa gente de pelle escura a que ha bem pouco tempo era tratada como fera bravia, e da qual ainda hoje alguma parte vivo escrava ? ! Que dirá o Sr. de Pina á sua nobre familia quando o arguir de haver enxertado em sua nobilissima arvore geneologica um garfo impuro, extrahido de uma arvore bastarda, e ramo talvez de um tronco espurio ?

— Sr. Baptista, curo embora com todo o afinco do seu nobiliario, quem outro merito não tem na sociedade senão o se dizor fidalgo, e apontar com orgulho para os dourados braços de sua nobiliarchia. Para mim, rolove-mo esta falta de modestia, o sangue que corro nas minhas veas é a ultima qualidade.

— Esses sentimentos são dignos de uma alma grande e de um coração bem formado : mas seu tio, Sr. D. Geraldo ?

— Meu tio não se ha de oppor á minha felicidade.

— Todavia, tendo estado comigo em nada me tocou...

— Tambem eu ainda nada lhe disse.

— Creio que não andou bem assim procedendo.

— E eu que fôra imprudente tocar nisto a meu tio sem primeiro conhecer o seu animo a tal respeito.

— Parece-me (perdôe-me a reflexão) que um mancebo prudente e sisudo não pede uma moça em casamento sem previamente consultar seus pais, ou quem suas vezes faz.

— Não ha duvida, Sr. Baptista ; mas não sabendo eu o seu modo de pensar a tal respeito, no caso de ser eu repellido, não queria mais testemunhas á minha derrota senão a sua repulsa e minha dôr.

— Pois, Sr. D. Geraldo, se tivesse consultado seu tio, elle lhe diria o meu modo de pensar a tal respeito.

— E qual é, Sr. Baptista ?

— Que minha filha é livre na escolha do estado que queira abraçar ; e no caso de querer casar-se, é livre igualmente na escolha de marido, com tanto que essa escolha não recáia sobre o crime ou a infamia. Eis o como penso nestes negocios.

— Muito bem.

— Então julga que assim ando mal ?

— Pelo contrario. Se todos os pais assim pensassem, e assim procedessem, não veriamos tantas filhas criminosas, e nem tantos desgostos causados pelo amor.

— Folgo que pense comigo.

— Então que devo esperar, Sr. Baptista ?

— A mão de minha filha, se fôr gosto della, e seu tio o approvar, bem entendido.

— Sr. Baptista, se fôr eu o esposo de minha prima a Sra. Rosa Branca, folgando de dar-lhe o nome do pai, saberei ser seu filho ; se não fôr, saberei ser amigo de um homem cujas virtudes são o mais bello titulo de sua reputação.

O mancebo despediu-se de João Baptista, tendo concertado ambos que decidirião o negocio no outro dia.

De passagem, cumpre dar a razão desta demora, quo tão mal cabida parece. Parece mal cabida porque, estando Rosa Branca em casa, não era mais que seu pai chama-la, e em presença do mesmo Sr. de Pina decidir o negocio, e assim queria fazê-lo o honrado Baptista ; mas o mesmo D. Geraldo foi quem o obstou.

Ora, como o Sr. de Pina tinha ouvido da boca da moça que era a seu pai a quem elle se deveria

dirigir, assentou nui prudentemente que antes que seu pai lhe fallasse em tal negocio, devia elle participar-lhe o que havia feito, e tambem a seu tio, que ainda tudo ignorava.

A conferencia de Baptista e do Sr. de Pina foi em uma manhã; e este retirou-se com tenção de voltar de tarde, e no jardim, onde a moça passava todas as tardes, scientificar-lhe de tudo quanto com seu pai fôra passado.

Com effeito, do tarde o fidalgo voltou, e não achando na sala senão Rosa, depois de breve demora perguntou-lhe por sua sobrinha. Rosa disse-lhe que estava no jardim, e quo lá podia ir ter com ella, se o quizesse. Esta liberdade, pela primeira vez dada, não deixou de maravilhar ao Sr. de Pina; e como facilmente cremos aquillo que desejamos, pensou talvez o moço que Rosa estava sciente de tudo, que teria tacteado o coração da menina; e que achando-o propicio a seus desejos, franqueava-lhe todo o ingresso ao lado de uma donzella quo ia ser sua mulher, apezar de não estar muito em harmonia com os costumes do paiz uma tão illimitada liberdade.

O Sr. de Pina, dando alguns minutos á civilidade ao lado de sua tia, ahi pouco se demorou; e aproveitando-se da licença que lhe fôra dada, seguiu para o quintal, como se costumava a dizer. Logo da sala de jantar o Sr. de Pina viu Rosa Branca airosamente passoando ao lado de Archanjo, e com tanta familiaridade, que se diria que erão dous irmãos! O Sr. de Pina recuou como que repellido por esta vista affrontosa! Seu sangue entornou-se por toda a sua periphéria; seu coração resiccado no meio desta aridez, pediu-lhe sangue.... sangue para refrigerar-se! Ao mesmo tempo um sorriso passou por sobre os labios de Rosa Branca, e uma idéa enrugou a testa do Archanjo. O Sr. de Pina traduziu este sorriso e esta idéa; o sorriso traduziu por amor, e a idéa por eiume; e a estas duas traducções juntou uma nota terrivel em duas palavras funestas: — Vingança! Morte!

O mancebo procurou concertar-se; e compondo o seu semblante o melhor que pôde, dirigiu-se para os dous: elegando-se a elles, saudou-os urbanamente, e de uma maneira digna do mais fiuo éortezão. Rosa Branca correspondeu á saudação do fidalgo, fazendo-se demasiadamente vermelha, e empallidecendo pouco depois. Archanjo correspondeu-a civilmente, mas sem a menor commoção. Este abalo de Rosa Branca, e esta frieza do

Archanjo, confirmarão n'alma do Sr. de Pina as suspeitas de um rival, e talvez feliz!

Era ao cahir da noite. Pouco depois as côres se distinguirão com difficuldade. Rosa Branca, tendo com os dous mancebos dado algumas voltas pelo jardim, disse:

— Julgo bom que nos retiremos. O sereno não nos ha de fazer bem, penso eu.

— A' minha bella prima, por sem duvida; e portanto julgo bom que se retire disse o Sr. de Pina. Quanto a mim, se me permite, aqui ficarei por mais tempo. Tem tantas magias esta hora da tarde passada em um jardim, que folgaria bem de demorar-me aqui mais alguns instantes.... se isto é possivel....

— Pois não..... E o senhor tambem fica, Sr. Archanjo?

— O Sr. Archanjo, minha prima, comquanto eu o não conheça, comtudo cuido que *ama o que eu amo*, e por conseguinte folgaria bem de ficar aqui comigo apreciando esta hora de meditação e melancolia, e vendo rebentar sobre este bello céo esta multidão de estrellas quo tão magnificamente o adornão. Todavia, o Sr. Archanjo *a seguirá, se a prima e elle assim entenderem*.

O Sr. de Pina carregou com tão notavel intencção sobre a phrase—*ama o que eu amo*—e sobre as ultimas palavras—*a seguirá, se a prima e elle assim o entenderem*,—quo nem a malicia da primeira, nem o fino epigramma das ultimas palavras escaparão a Archanjo, que, não obstante, fingiu não entender nem uma nem outra cousa. Quanto a Rosa Branca, o narrador não pôde affirmar se ella entendeu ou não a intencção das palavras de D. Geraldo; se porém entendeu, apparentou o contrario.

Archanjo, ostentando uma extrema polidez, respondeu:

— E' uma felicidade, senhor, quando se encontram dous homens que teem os mesmos pensares e os mesmos sentimentos! Eu pois me felicito de ficar aqui gozando da amavel companhia de um senhor tão bello, tão delicado cavalheiro, e que tem os mesmos gostos que tenho.... Quanto ao dizer V. S. que me não conhece, é indifferente: sou um velho amigo desta familia, e um criado de V. S.

— Mil graças, senhor. Agradeço cordialmente o juizo que de mim faz. Tambem pôde contar-mo como seu criado....

— Nenen, disse Archanjo a Rosa Branca, o sereno não lho ha de fazer bem; julgo melhor retirar-se: nós já a seguimos... em um momento.

— Sim, minha senhora.... em um momento, disse o Sr. de Pina.

Rosa Branca, olhando para os dous, em cujos rostos notava, com esse instinto de mulher tão perspicaz em materias de amor e de ciume, alguma cousa de sinistro despeito, hesitou por um instante sem retirar-se.

O Sr. de Pina, que não perdia um só dos movimentos dos dous, disse-lho com certo ar de brandura, misturado não obstante com certa malicia :

— Minha senhora, aqui não ficão senão dous homens de honra ; esteja certa disso.

— E tanto é verdade, disse Archanjo, que este nobre cavalheiro não duvida ficar aqui só com um homem que vê pela primeira vez.

Com effeito, a donzella retirou-se, e os dous ficárão sós. O Sr. de Pina foi o primeiro que fallou.

— E' magnifico este paiz, senhor !

— Eu o acho ; e tanto mais por ser o paiz onde nasci.

— Oh ! é indifferente. Um paiz onde são geradas tão bellas flôres, onde *perfumão corações sensíveis rosas, como esta*, deve ser amado por todo o mortal quo tem uma cabeça que comprehende, e um coração que sente.

— Essa linguagem é propria de quem mal conhece o meu paiz e seus encantos.

— E' verdade. Ha tão pouco tempo que aqui sou chegado....

— Pois quando V. S. vir todas as nossas flôres, verá que temos muitas rosas iguaes a esta.

— Não cuidava em tal ouvir....

— Ouviu sómente a verdade.

— Que, quando assim seja, devia ser dita por outrem.

— A verdade é do Deus, ou antes é o mesmo Deus; e aquello que a enuncia nada mais revela quo uma manifestação da Divindade.

— Mas não são os amantes os maiores adoradores da verdade. Para um amante a flôr que ama é sempre mais bella que as outras ; so é mentira, não é uma mentira proveniente do crime, mas sim nascida do amor, cujas illusões são sempre suaves ao coração de um amante.

— Assim é, quando o amante é um egoista, e suppõe que não ha sobre a terra mais que uma flôr, uma *rosa*, cujos frescores, cujos encantos e graças entende quo do proposito Deus só para elle creára.

E o entendo bem; porque, covarde, infame o abjecto seria aquelle amante que deixasse ap-

proximar-se de sua bella *rosa* qualquer pretendente que viesse perturbar a sua ventura.

— Perdão, senhor.... eu não faço uma tal injustiça ás lindas flores do meu paiz ! Pelo simples facto de approximar-se de uma bella *rosa* algum amante pretendente, não se segue que, esquecida de seu primeiro e unico amor, abra seu seio ao novo pretendente, e que assim se perturbe a ventura de seus dias. Ha mais constancia e mais fé nas flores da minha terra.

— Eu louvo sempre o empenho com que um amante defende a fé de sua amada : mas se eu amasse a alguma *rosa*, ai daquelle que tivesse a ousadia de tambem ama-la, fesse ou não correspondido.

— E' uma ridicula susceptibilidade !

— Se o é, todos os amantes são então ridiculos !....

— Nem todos os amantes são tão filuciosos.

— Todos o são, e devem sê-lo.

— Nem todos o são. A razão está primeiro que tudo.

— Em amor não ha razão....

— Mas deve havê-la no ciume.

— O ciume nasce do verdadeiro amor.

— Um verdadeiro amor, nutrindo um ciume desarrazoado, offende com elle a delicadeza da fé de uma amante virtuosa ! Demais, um coração que ama, comquanto seja em demazia amado, nem por isso tem direitos para legislar sobre os outros corações. Cada um ama a quem quer ; e....

— Perdão, senhor.... A espada de um amante é sempre uma optima penna para legislar sobre o coração de um rival.

— Mas como o rival tambem tem uma espada, quo lhe pôde servir de penna, para não só legislar com ella a seu prazer, mas tambem riscar as leis feitas pela espada de seu rival, segue-se que neste conflicto de legislação nem sempre serão mais validas as leis do legislador mais arbitrario.

— Pois, meu senhor, se eu amasse a uma mulher, e outro pretendente, sabendo do meu amor, se apresentasse candidato á sua mão, algumas horas depois que eu o soubesse, elle ou eu abandonaria o campo ou a morte de um vingaria a affronta do outro rival.

— Então porque ?

— Porquo quando um pretendente se apresenta a uma mulher, sabendo que seu coração já está previamente dado, fia-se em supplantar seu rival por conta do seus moritos o de sua superioridade, e a idéa de superioridade em um rival é uma idéa

affrontosa, e esta affronta é feita por um rival a outro mui fria e mui calculadamente, pe-sando bem esta affronta, e aceitando todas as suas consequencias, quaesquer que possão ser. Esta affronta é uma luva de morto ou de detestavel infamia lançada por um pretendente orgulhoso á cara, senhor.... á cara de um amante que se julga feliz, porque é correspondido. Entendamos, senhor, amo a Rosa Branca. Quando suppu-nha quo seu coração era livre, eu a amava com um amor de estravo, um amor timido; hoje, que peuso achar em Vm. um rival, amo-a com um amor de sultão, um amor indomito. Preciso de uma explicação, senhor.... Ama-a o Sr. Archanjo ou não?

— Oh senhor! para uma tão simples pergunta erão bem escusados tantos circumloquios. Amo-a, e muito. Cuidei que V. S. não o ignorava.

— Bem, senhor. Agradeço a sua franqueza. Ago-ra outra cousa. E' correspondido por ella?

— E o que tem V. S. com isso?

— Pois bem.... Mas Rosa Branca não pôde ser amada por dous homens simultaneamente....

— Até por mil. O que ella não pôde, o de que não é capaz, é do corresponder a dous amantes simultaneamente.

— Não. Ou ha de ser amada por mim ou por Vm.

— O que eu não sei é como se ha de isso fazer!

— Porque?

— Porque eu amo-a, mas não me acho com direito para prohibir a V. S. de ama-la. Todavia, se as nossas palavras de honra forem sufficientes....

— E como?

— Apresentemo-nos ambos a Rosa Branca; ella escolha entre nós, pois a escolha lhe pertence....

— Nunca.

— Oh! Essa é singular! V. S. quer que um só de nós dous seja o seu amante; pois bem: seja o preferido, e o rejeitado dê de mão a esse amor.

— Não, senhor. Um de nós ha de apresentar-se só.

— E o outro?

— Deve morrer, ou jurar que nunca mais a amará.

— Pois, meu senhor, não estou resolvido a mata-lo por tão pouco, bem quo V. S. esteja resolvido á morrer. Tambem não estou de animo a receber o seu juramento, porque não acredito em juramentos de amantes; e nesse caso apresente-se só.

— Quer que me apresente só?

— Pois não é isso o que quer?

— Sim e

— Pois pôde fazê-lo, porque acaba de chegar a este paiz: eu por mim já cá estou desde que Rosa Branca nasceu.

— Pois é justamente por isso que é preciso, e absolutamente preciso, que um de nós ceda o campo ao outro.

— Expliquemo-nos, senhor; ama a Rosa Branca?

— Por ama-la muito é que não quero que mais ninguem a ame.

— E' amado por ella?

— Não sei.

— Pois procure-a; faça a sua declaração: se fôr feliz, eu nada tenho com isso. Pôde desposa-la, e viver com ella em paz, e muito feliz. Ora isto é muito claro e terminante.

— Entendo, senhor.... e entendo-o perfeitamente!... Eu tinha ouvido dizer que os Brasileiros erão covardes... mas acreditei que o amante de uma mulher, anjo de encantos, fosse digno della, não só pelas mais sublimes virtudes domesticas e civicas, como pela valentia de seu braço.... Enganei-me, senhor! e não tenho diante de mim senão um homem sem alma, sem....

— Basta, senhor.... O logar é improprio, e a hora indiscreta....

— Em qualquer logar, a qualquer hora, fallarei do mesmo modo.

— Estou á sua disposição. O logar, a hora, as armas?

— No morro do Castello, por detrás da igreja da Sé; parece-me um logar azado aos nossos intentos.

— Seja. A hora?

— As oito horas da noite.

— De hoje?

— Não. De amanhã.

— As armas?

— As que quizer. Para mim é indifferente.

— E para mim indifferentissimo.

— A espada me parece uma arma discreta, disse D. Geraldo com um sorriso malicioso.

— E que pôde revelar valentia e destreza, tornou Archanjo com ar ufano.

— Então á espada.

— Seja.

— Julga necessarios padrinhos?

— Para que? Deus e nossa honra são sufficientes: mas como quizer.

— Não precisamos. Qual deve ser o pretexto do nosso duello?

— Pretexto! Como pretexto?

— Sim. Julgo que não devemos involver em nossa querella o nome de Rosa Branca.

— Nem é por causa della que me eu bato.

— Não é por causa della?!

— Não. De que se admira?

— Não posso comprehendê-lo!

— Oh! pois V. S. me julga tão fatuo, que me bata por causa de uma mulher que ainda me não pertence, e que nem sei se me pertencerá?!

— Em todo o caso....

— Em todo o caso nada de pretextos: não tenho necessidade delles; quando a verdade, além de ser verdade, é muito mais vantajosa que frívolos pretextos.

— Mas se por ventura souberem do nosso encontro, quando nos perguntarem o motivo d'elle, o que diremos sem comprometter o nome de Rosa Branca!

— Quanto a V. S., quando lhe perguntarem o motivo por que affrontou-me sem razão, dirá o que bem lhe parecer. Certo eu de que por sua honra me não calumniará, póde dizer do nosso encontro o que quizer. Quanto a mim, brigo por um motivo mais sagrado que os ligeiros amores de uma mulher. Já não estamos na meia idade, senhor.... Já lá vai o tempo em que um louco cavalleiro de aventuras, avido de uma celebridade romanesca, acreditava-se com o bom direito de matar por sua

conta até encontrar quem por sua vez o matasse, por causa de uma mulher, á qual chamava a dama de seus amores, e ás vezes por causa de outras. Se hoje ainda apparecesse um homem tão extravagante, bem vê que para provar sua loucura não era preciso submeter o seu craneo ao serrote do anatomico; hoje porém que as luzes da intelligencia levão de vencida as trevas da ignorancia, e que a razão começa de repellir a força bruta, não é com uma espada que se conquista o coração de uma mulher...

— Embora. Nada tenho com as suas razões.

— São claras e positivas: e para que não as ignore, eu lh'as digo: bato-me, mato ou morro, para provar-lhe que é um vil, um infame calumniador esse que lhe disse que os Brasileiros erão covardes. Portanto, vencido ou vencedor, não aceito, nem imponho condições, porque não quero manchar a santidade dos meus motivos; nem vilipendiar a nobreza do meu duello. Senhor.... bato-me pela honra de meu paiz! Até amanhã no logar do encontro.

Archanjo disse, e retirou-se.

O Sr. de Pina com voz offegante balbuciou:

— Até amanhã.

Na sala, em companhia de Rosa e de sua sobrinha, os dous conversarão por alguns minutos, tão calmos o tão affectuosos, que ninguem desconfiou cousa alguma do seu futuro encontro.



CAPITULO VI.

É O MAIS INDIGNO, O MAIS INFAME, E O MAIS VIL DE TODOS OS HOMENS.

Aquelle que julga sem ouvir, engana-se, e torna-se injusto porque o quer ; e pela maneira que injustamente julga, injustamente será tambem julgado.

No seguinte dia chegou á cidade um escravo de Baptista, vindo expressamente dizer-lhe que o feitor da fazenda estava a expirar. Em consequencia desta noticia, Baptista partiu incontinentemente, afim de providenciar no que em suas mãos estivesse.

Já se havia assás derramado a noticia do casamento de Baptista com a filha de Philippe. Os amigos e conhecidos de Baptista, tanto da cidade como do campo, não fallavão de outra cousa ; e ninguem louvava no grave ancião um casamento tão desigual nas fortunas, e tão disparatado nas idades. Baptista era homem de mais de cincoenta annos, todavia robusto e sadio, e Narcisa tinha pouco mais de dezoito. Baptista, vendo unicamente o presente, parecia deslembrar-se completamente do futuro : elle não reparava que quando estivesse com os seus setenta annos, sua mulher estaria com os seus trinta e oito ; era pois, precisamente fallando, um velho casado com uma moça ; e então é absolutamente mister em tal consorcio muita vir-

tude na mulher, e muita perspicacia no marido. Sobre as virtudes de Narcisa, não temos muita razão para contar com ellas, se nos lembrarmos das inspirações do seu preceptor ; ácerca porém de Baptista, bem que bom homem, e muito bom, todavia a respeito de perspicacia, não tinha lá muita razão para gabar-se dessa qualidade, aliás tão indispensavel em todos os maridos.

E pois, este futuro casamento era por diversos modos interpretado : cada um se julgava autorizado para emitir sobre elle o juizo que bem lhe parecia, segundo o seu modo de ver, e suas proprias modificações.

De ordinario, os que mais fallão, os que mais se importão e se canção com os negocios alheios, são sempre os que nada tendo com elles, por elles nada perdem nem ganhão ! Os parentes, os amigos daquelle que fez ou quer fazer alguma cousa desarrazoada, ou digna de reparo, como a honra e os interesses do seu amigo ou parente,

são para elles uma cousa bem cara ; repatão uma vez, uma vez fallão, tacteão o coração desse amigo ou parente, tentando corrigi-lo; e se o achão inacessivel a salutareos conselhos, calão-se comsigo doidos e envergonhados do negocio: os outros porém, como essa honra e esses interesses lhes não são caros, entregão-se ao maligno prazer de ahí ficarem fazendo commentarios, quasi sêmpre absurdos, paradoxaes, temerarios, e sempre odiosos. E' que em todas as sociedades ha um immoral prazer em não estudar as acções alheias, e muito menos o motivo dellas; e dest'arte qualquer se julga habilitado para as traduzir conforme as modificações subjectivas; e nisto se assenta o nosso bom e velho ditado: — O bom julgador por si se julga.

Agora é bem que recapitulemos todas as murmurações desta fallada: isto é, sobre o futuro casamento.

Dizião pois: 1º, que Narcisa nenhuma inclinação tinha a João Baptista, que nem d'elle gostava, o que casando-se com elle o fazia só para ter um marido; 2º, que Narcisa sacrificava seus encantos ao ouro de Baptista; 3º, que Baptista sacrificava-se aos encantos de Narcisa; 4º, que Baptista estava doido; 5º, que Baptista dotava Narcisa em dez mil cruzados; 6º, que o casamento era sem contrato particular, como os casamentos ordinarios; 7º, que Narcisa casava-so obrigada pelo pai; 8º, que Baptista casava-se para ter uma mulher que o tratasse em suas enfermidades e velhice; 9º, que Baptista casava-se para reparar uma falta; 10, emfim, que Baptista casava-se despertado com a filha, que não queria ir viver com elle na roça!

Pela primeira, terceira e sexta destas maledicencias e calumnias, não mo atrevo a responder; quanto ás outras, são odiosas mentiras: a ultima porém é então uma mentira estrondosamente revoltante, porque Baptista tinha deixado sua filha em casa de sua tia educando-se, desde que elle perdêra sua boa e virtuosa mulher; e quando a educação do sua filha ostivesse completa, nem assim a levaria para a roça, pois que em sua casa não havia senão elle o seus escravos; e bem so vê que não era muito curial o ter uma monina de quinze annos, pouco mais ou menos, em uma casa onde não havia quem velasse por ella,

Porque a verdade ó clara o facil, é que os maledicentes o calumniadores não gostão de procura-la. Em verdade o inventar parece menos trabalho-so. Com um pouco de attenção ver-se-hia clara-

mente que o unico motivo por que Baptista se casava é porque achiára a Narcisa bonita; viu-a, gostou della, amou-a, e quiz casar: ora, nada mais natural. O que ha ahí de censuravel é que Baptista, tendo montado o seu meio seculo, ainda se presumisse Adonis para uma Venus, que estava no quarto lustro de sua idade; porque em taes circumstancias quasi sempre um homem é victima do javali do ciume, e ás vezes... O coração humano é tão fraco!... a mocidade é tão impetuosa!... Uma menina casada com um velho, sabendo sempre conter-se nas raias da honra e dos deveres, é um prodigio; porque os velhos são tão exigentes e tão susceptiveis.... e poem ás vezes tal apuro o coração de uma menina, que... O coração de uma mulher poucas vezes deixa de ser vingativo; e aporreado, folga de despedaçar os diques que o opprimem, e de trasbordar sobre si mesmo, inundando a linda de seus deveres, e esta inundação nunca, nunca acontece sem crimes!

Agora suppondo que o leitor não desestimará saber qual era o grão de amizade entre Archanjo e a familia Baptista, e como principiára, vou dar-lhe essa conta.

O pai de Archanjo, pouco mais velho que Baptista, começou a ser seu amigo desde que este se casára; esta amizade tornou-se depois intima. Assim Archanjo desde as tenras unhas-inhas (como dizão os Gregos) era amado como um filho pela familia Baptista, accrescendo que as duas senhoras, isto é, a mulher de Baptista e a de Renato, pai de Archanjo, tam em erão amigas intimas. Dest'arte Archanjo frequentava a casa de Baptista desde os seus primeiros annos, e era nella recebido como um filho.

É verdade que Rosa Branca não brincou com Archanjo em sua infancia, porque elle, mais velho que ella nada menos que doze annos, não podia segui-la em seus jogos infantis; mas Archanjo não poucas vezes a trouxe em seus braços para dormir nelles. Como se fosse seu irmão, Rosa Branca a elle fazia suas queixas pueris; elle comprava-lhe bonecas, sahia com ella; e quando a pequena touvadinha quebrava algum de seus brinquedos, era a Archanjo a quem ella se lamentava desta desgraçazinha de eriança, e era tamem Archanjo que dava outros brinquedos á sua mulher, ou nenem, como elle lhe chamava.

Ora, se além destas relações de familias havia entre Archanjo e Rosa Branca alguma relação mais particular, é o que não posso dizer. Todavia, note

hem o leitor, o narrador a este respeito não aventura nem a mais ligeira idéa.

Agora voltemos aos nossos jovens desafiados.

Archanjo, logo que amanheceu o seguinte dia, dia em que se devia haver com o Sr. de Pina, dispoz seus negócios, e deu ordem a todas as suas cousas; e, como tinha alguns bens por parte de sua mãe (que morrêra sem testamento), sendo homem prudente, não sabendo o exito do seu encontro qual seria, providenciou sobre tudo o que era seu, com uma calma e uma prudencia verdadeiramente invejaveis. Depois, tomando uma espada, fez alguns exercicios, executou alguns ataques, manobrou enganosa, fingiu retiradas, e ensaiou-se emfim para encontrar-se com um inimigo talvez habil, e talvez affeito ás armas.

A's 6 horas da tarde Archanjo sahio de sua casa, de animo de não mais voltar a ella vivo, ou voltar ferido, ou vencedor. Seu escravo, unica pessoa com quem elle vivia, teve ordem de dizer a quem o procurasse que só voltaria no dia seguinte.

O leitor sabe que Archanjo estudava para ordenar-se, mas só por fazer a vontade a seu pai. Como estudante, morava só em uma pequena casa com um escravo que o servia.

Archanjo guardou um religioso segredo para com todos ácerca do seu encontro com o Sr. de Pina. A's 8 horas menos um quarto ia elle chegando ao logar marcado para o encontro, e prompto para bater-se.

A noite era de luar, mas ainda assim propicia aos intentos dos dous rivaes; porque o céo, abafado por grosso tapete de entretecidas nuvens, roubava á cidade do Rio de Janeiro a face meditada do astro da noite, que, desconfiado de proxima borrasca, não ousava ostentar o seu suave disco. Assim, a lua quasi em seu plenilunio, havia ha pouco se elevado sobre seu horizonte, sem todavia repellir as sombras que involvião os montes e os valles em que se debruça a bella Sebastianopolis.

Sobre uma planura cimeira do morro do Castello ainda existe, reliquias da primitiva cidade, o templo de S. Sebastião, seu orago e padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, e por isso tambem chamada Sebastianopolis, isto é, cidade de S. Sebastião, nome desse bravo capitão das guardas pretorianas, que tão heroica e denodadamente soube morrer pela religião do Crucificado, nessa barbara e mais sanguinolenta perseguição feita á igreja no tempo de Diocleciano, e movida pelo feroz e brutal Galerio, a qual a igreja em seus magnificos fastos conta

pela nona perseguição suscitada pelos herdeiros dos Cezares!

Ora, quem não souber a nossa historia perguntará: — E o que tem uma cidade do Novo-Mundo com S. Sebastião, que nasceu, viveu e morreu quando esses orgulhosos Romanos nem suspeitavão que havia uma terra, que, por tão grande, mereceu ser chamada Novo-Mundo, apezar dos versos de Seneca na sua Medéa? Ah! vai nú e crú, tal e qual se lê em nossos historiadores:

Martim Affonso denominára a terra — Rio de Janeiro, — porque nella aportára no 1º de janeiro de 1531. Mem de Sá, cumprindo o voto de Estacio de Sá, declarou patrono da nova cidade a S. Sebastião, e chamou-lhe cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, pois que reconhecêra a esse santo como protector de suas victorias, sendo a ultima ganha sobre os Tamoyos no dia em que a igreja commemora o martyrio desse illustre martyr.

Assim, fundando-se a cidade com o nome dito, no logar chamado Villa-Velha, um templo feito de páos a pique, e coberto de palhas, foi dedicado ao santo martyr: mais tarde Salvador Corrêa de Sá erigiu-lhe outro, não só de mais duração, como de mais decencia, e condigno das solemnidades do culto catholico. E' este o templo de que fallamos.

Por detrás desse templo dilatava-se uma capoeira, cujas arvores (não todas), tendo-se engrossado á mercê do tempo, formavão um matagal, a que chamão os nossos lavradores capoeira de machado: mais ou menos fechada em algumas partes, mais ou menos aberta em outras, offerecia sufficientes logares azados aos intentos de quem pretendesse vingar alguma querella, ou punir alguma affronta. Era o logar de que Archanjo se havia lembrado, e para o qual guiaria o seu rival, afim de ficarem abrigados das vistas curiosas.

O logar da espera era detrás da igreja a que chamamos hoje Sé-Velha. O que primeiro ali chegasse esperaria pelo outro rival, para seguirem ambos para o matagal.

Um vulto, rebuçado em um capote, dirigindo-se do Collegio dos Jesuitas para a Sé-Velha, dá-se tanta pressa em caminhar, que parece que vò. Este vulto chega detrás da igreja no momento em que começam a soar oito horas em diversos sinos das igrejas mais vizinhas. O rebuçado respira, como quem se allivia de um grande peso.... olha em torno de si, e examina se está só; certificado de que sim, começa a passear com vagarosos passos de um para outro lado. Dahi a algum tempo o relógio

do Collegio dos Jesuitas sôu um quarto depois das oito horas.

O homem rebuçado disse :

— E' um indigno !

Elle assentou-se sobre a gramma. Dahi a tempos, o mesmo relógio marcou meia hora depois das oito. O rebuçado levantou-se, e disse :

— E' um infame !

De novo começou a passear. Batêrão tres quartos para as nove horas. O rebuçado disse :

— E' um vil !

Assim dizendo, recostou-se á parede do templo. Finalmente os relógios annunciárão nove horas. O rebuçado exclamou em uma explosão de ira :

— E' o mais indigno, o mais infame, e o mais vil de todos os homens !

Dizendo isto desapareceu.



CAPITULO VII.

ESPERAR!... ESPERAR!... OH QUE SUPPLICIO!!!

Quod tibi non vis, alteri ne facias

Ahi tendes nesta linha o fundamento de toda a moral. Meditai sobre esta linha, e sêde justos.

Quem era esse rebuçado? Quem era esse homem que com tanto afan punha tanto empenho, e tanto tomava a peito o chegar a esse ponto, logar do emprazamento do Sr. D. Geraldo de Pina e Archaujo?

Esse homem, quem quer que elle seja, esperava, e esperava com indizível impaciencia!

Esperar!... Esperar!... oh que supplicio!!! Perder uma meia duzia de minutos, e ás vezes bem preciosos! Esperar.... Oh! isto... isto é.....nada.

Data do começo da nossa sociedade, digo sociedade brasileira, uma boa meia duzia de máos costumes, tão prejudiciaes, tão grosseiros e tão estupidos, permitta-se-me a expressão, que valia bem a pena de a extirparmos, ainda que para isso alguns pequeninos sacrificios fossem precisos. Esta meia duzia de máos costumes é em nós uma enfermidade chronica, mas que todavia não deixa de ser curavel: com um firme proposito tudo se pódo fazer. Querer é poder; o comquanto isto não seja applicavel a tudo, não obstante este principio (so prin-

cipio se lhe póde chamar), applicado opportuna e prudentemente, é quasi sempre verdadeiro, se é que o não é sempre. Vamos adiante.

Eu penso, e perdoem-me se nisto me engano, que os taes máos costumes de que vou fallar não são peculiares só ao Rio de Janeiro, mas sim a todas as nossas provincias. Não sou exotico-maniaco, e tanto, que vejo que estes máos costumes de que me queixo e afflijo pertencem tambem de algum modo aos estrangeiros que entre nós residem. Agora, se elles os trazem de seus paizes, ou se cá os adquirem, eis o que não sabemos, e nem podemos dizer. Vamos adiante.

Eu fallo destes esquecimentos, destes deleixos, desta charlataneria, destas importunas visitas, destes impertinentes encontros, e destas intempestivas delongas com que entre nós uma pessoa sabe, tão sem sabor, não só perder o seu tempo, como fazer perder o alheio. Ora, que ahi qualquer vadio love o seu tempo a dormir, a parolar e a nada fa-

zer, que importa? faça-o, e faça-o muito embora; porque quem é muito senhor de seus narizes pôde fazer do seu tempo o que muito bem quizer; mas que um tal destes, porque não tenha o quo fazer em sua casa, ou porque tenha o que fazer de mais, julgue os outros por si, e faça perder o tempo alheio, eis o que é revoltante e duro de roer! Irra! e um tal máo costume entre nós arreigado enfestou a nossa sociedade desde os mais elevados representantes della até o ultimo homem! Cada um se julga com o bom direito de fazer esperar os outros uma ou mais horas, e dest'arte fazê-los perder o que elles jámais podem resarcir!

Note-se: um dono de obra, ou antes um sujeito que quer fazer uma obra, manda chamar um mestre pedreiro ou carpinteiro para ajusta-la de empreitada, ou ainda a jornal, é indifferente; e o mestre, sem a menor cerimonia, responde que lá vai de tarde: pois bem; o dono da obra espera-o, e elle não apparece! e não apparece senão ao outro dia; porque este homem julga-se com o bom direito de fazer a qualquer perder algumas horas de seu tempo, esperando, sem a menor necessidade!

Vai-se a um mestre de officio de loja aberta, trata-se uma obra, toma-se a medida, e pergunta-se ao mestre quando se ha de ir ou mandar buscar.— Sabbado—diz o mestre: pois bem; chega o sabbado, mandamos buscar a obra, e não está prompta; porque o tal mestre julga-se com sufficiente direito de fazer o freguez, ou seu partador, perder algumas horas em ir e vir, sem necessidade alguma!

Vai um doente consultar um medico sobre os seus soffrimentos; conta-lhe as suas queixas, e o medico recebe: o doente, em vez de despedir-se, ahí fica parolando, e quasi sempre sobre cousas que não dizem respeito ao medico; porque este doente julga-se com bastante direito para fazer o medico perder meia ou uma hora de seu tempo, sem a menor precisão.

Tratão meia duzia de pessoas um passeio de divertimento, dão entre si uma hora, e marcão um ponto de reunião; á hora dada, e no ponto marcado, reuñem-se alguns dos contratados, mas faltão taes e taes pessoas, ou tal familia; porque a familia do Sr. Fuão não gosta de erguer-se cedo da cama; e estas não só julgão-so com demasiado direito para fazer os outros perder uma hora, ou mais horas do seu tempo, esperando-as, como de fazer o passeio menos agradável, porque muito melhor seria so fosse cedo, e ao bollo humor da ma-

nhã; pois que taes passeios quasi sempre são ao Jardim Botânico, Fabrica da Chita, Cascata da Tijuca, Canos da Carioca, ou a algumas das bellas ilhas que ensoberbecem a nossa magestosa bahia.

Tem um pobre homem um negocio com um empregado publico, procura-o em sua casa uma e muitas vezes; mas procura-o debalde, porque nunca está em casa, sincera ou comicamente. Com effeito, os empregados publicos são homens sempre por demais occupados. Então aquelle que lhe deseja fallar procura-o na sua repartição como logar infallivel; mas o empregado publico nesse momento está abarbado de serviço, como sempre, e na occasião de ser procurado está ás barbas com um intrincadissimo problema; razão por que, não podendo interromper o seu calculo, manda dizer ao homem que espere. O empregado publico, depois de longo tempo acaba o seu famigerado problema, porque achou a suspirada incognita, respira, sorve e saborêa uma turva pitada do cheiroso Lisboa, vai á mesa de um collega, conversa sobre theatros, bailes, etc.; e depois de o homem ter esperado uma boa hora, é que o empregado publico se digna de desoccupar-se e vir fallar-lhe; porque julga-se com o santo direito de fazer o outro perder uma ou mais horas de seu tempo, quando talvez em um unico minuto fallasse e decidisse o sujeito que o procurava! Mas dirá o empregado publico que não tem obrigação de fallar a todos que o procurão. Não é exacto. Um homem que vive na sociedade tem, e tem por força, relações; o homem que tem relações não sabe nem pôde saber quem o procura durante o dia, e nem para que; e a sociedade não pôde nem deve soffrer um homem tão occupado, que não tenha nem meia hora para os seus negocios particulares!

Um medico trata de um doente, pede uma conferencia, são designados os collegas e convidados; a conferencia é ás 11 horas da manhã; a essa hora lá estão reunidos dous ou tres, e espera-se por um ou dous, que não chegão senão ao meio-dia; porque este senhor que faltou á hora, ou senhores que faltarão, julgão-se com inquestionavel direito de fazer os seus collegas perder uma hora, e ter uma familia inteira incommodada por mais tempo do que o preciso, e sobresaltada, o que é o mais!

Uma familia trata com um sacerdote uma missa de suffragio ou de devoção; deve ser ás nove horas da manhã; e a essa hora, ou o padre espera pola familia, que não vem senão meia ou uma hora depois, ou a familia pelo padre; porque qual-

quor destes julga-se com indisputavel direito de fazer os mais perderem uma ou mais horas de seu tempo sem precisão alguma!

Um medico annuncia que não falla em sua casa senão das sete horas da manhã ás nove: a essa hora vai entrar para o carro que á porta o espera, e um importuno ahi o atraca, e toma-lhe um quarto ou meia hora; porque julga-se com incontestavel direito de fazer o doutor perder inutilmente com elle uma porção de seu tempo, que muito melhor empregaria na visita de seus doentes!

Vai um sujeito á casa de um ministro de estado, ou conselheiro, ou senador do imperio, ou deputado, entregar-lhe uma carta, ou pedir-lhe um favor, ou agradecer-lhe um obsequio; elle podia fazê-lo, e despedir-se: mas qual? O homem cumpre a sua tarefa, e ahi fica conversando sobre a politica do paiz; porque tambem este pobre diabo julga-se com um bem adquirido direito para fazer o homem de estado perder uma ou mais horas sem um motivo plausivel!

Uma familia convida algumas pessoas de amizade para uma reunião: é um sarão em que dansão, cantão, jogão, murmurão, tomão chá, e algumas vezes tambem comem. Duas horas de qualquer bom divertimento são duas horas felices, e muito bem pagas para quem tem o coração tranquillo. Tres horas, a terceira já é um favor feito á companhia; quatro, a quarta já é aborrecida; cinco, a quinta é detestavel! Pois bem; o baile começa ás nove horas; da meia noite até uma hora a gente de gosto retira-se; de uma hora até ás duas retirão-se os que na casa tem maior intimidade; e depois das duas horas ainda ahi ha quem prive a familia da casa de tomar um pouco de repouso! Irra! que é por demais!

Estas indiscrições, estas impontualidades, estas delongas, estão de tal maneira entre nós arreigadas, que ninguem pôde contar como certa a hora dada, seja para o que fôr! Theatros, sessões de sociedades, acompanhamentos de enterros, missas de oitavario, tudo, tudo é sempre muitos minutos, e ás vezes uma hora ou mais depois da hora marcada, e espere quem esperar! Irra! que é por demais!

Ninguem pôde, é até impossivel, aquilatar-se o talento que temos para perder o nosso tempo, e fazer os outros perder igualmente o seu!

Mas ahi temos os guapos rapazes e bellas moças a exclamarem, depois de lerem estas reflexões, « Que massada, meu Deus! (Massada é o

termo favorito com que os devoradores das noticias dos romances appellidão o que lhes não agrada.) Que massada! O autor não teve com que encher este capitulo! » Ora que injustiça! Os moços são mesmo assim! Qual massada, nem meia massada! Ora pensai com alguma madureza, e vereis que não é massada; e se não notai, e vêde se não tenho razão. Que! pois tambem não terei o bom direito de fazer alguém perder comigo um pouco de seu precioso tempo? Olá! por sem duvida que tenho! Qualquer homem ou senhora, nobre ou plebeu, rico ou pobre, branco, preto, azul, amarello ou encarnado, livre ou escravo, sabio ou ignorante, poeta ou prosador, grave ou garoto, esperto ou tolo, honrado ou patife, emfim, um qualquer que valha alguma cousa ou nada, se julga com esse bom direito, adquirido pelos abusos de uma sociedade pouco poupada: então porque me ha do ser negado a mim? Com effeito, este capitulo é por demais massante; eu mesmo o conheço; mas que fazer? Tomei a peito o ser massante neste capitulo, quero-o, e hei de sê-lo.... e agora? Vejo, e vejo bem que em desconto dos meus peccados terei ahi uma meia duzia de pragas.... paciencia! Chamar-me-hão de massante, de enfadonho, de aborrecido.... paciencia.... paciencia!... Mas lei de chegar ao meu fim.... palavra de honra. E' talvez uma nova maneira de moralisar; mostro em mim o defeito que quero que os outros evitem; faço com que os meus leitores soffrão as consequencias de um tal defeito; afeio-o o mais que posso, para que os leitores se exasperem, se afflijão, se mortifiquem contra este defeito, e assim evitem em si aquillo que nos outros faz exasperar, affligir e mortificar. Demais, bem insignificante, e até insipida seria a tarefa de um escriptor, se contasse uma historia secca e pecamente, só registrando factos, e nada mais.

Ora pois: tornemos-nos ás boas. O leitor, porque vai atrás dos acontecimentos, deseja saber quem é o tal rebuçado, e se teve logar o duello entre os dous moços rivaes. Acho-lhe razão. O leitor, já muito aborrecido, lastima o tempo que perdeu neste capitulo, lendo, em quasi todo, reflexões que chamará asnatias, e por muito favor impertinentes.... paciencia! Diz que não pôde mais esperar.... Ora graças a Deus que chegamos a um ponto de accordo! Com que, lastimais um tempo que perdestes lendo este capitulo, despido de noticias, e ermo de acontecimentos e interesses; e, todavia, lendo, talvez deitado em uma macia cama,

ou vos balançando n'uma bella cadeira de balanço, muito á fresca, muito a vosso gosto; e não lastimais o tempo que fazeis perder aos outros, e sem necessidade? Meu Deus! como sois egoistas! como sois crueis! Vós já pensastes nisto uma vez só, uma unica vez em toda a vossa vida? Apostaria que não, e ganharia a aposta.... palavra de honra.

Pois acreditai que estou tambem muito, muito zangado com este capitulo.... muito zangado de véras, e tomára já chegar ao cabo delle. Que fazer? Lembrei-me do velho Horacio (era um Romano de bom gosto), e quiz eu cumprir um dos seus preceitos de que muito gosto, porque tenho o máo gosto de gostar dos velhos; ei-lo: — *Se queres que eu*

chore, chora tu primeiro.— Ora, eu que tinha firme tenção de fazer os meus leitores zangarem-se neste capitulo, que fiz? Zanguei-me primeiro. E que tal?

E' bom tomar o tempo alheio sem necessidade? Experimentai-o agora. E' bom fazer esperar os outros sem motivo? Experimentai-o agora.

Com effeito, quereis saber o resultado do desafio dos dous rivaes? Bem; mas lembrei-me agora que talvez vós mesmo que estais lendo este capitulo me tenhais feito esperar algumas vezes sem a menor razão; e neste caso aproveito a occasião para vingarme. Ahi vai pois uma vingancinha. Até o outro capitulo. Lá sabereis o que aconteceu.



CAPITULO VIII.

INFAME ASSASSINO!

Se todas as traições produzissem o seu effeito, em bem pouco tempo os bons cahirão victimas dos máos; mas estes tambem por sua vez em bem pouco tempo se devorarião.

Desde o capitulo passado estamos meio arrufados, não é assim? Mas, querido leitor, a fallar a verdade a cousa é tão insignificante, que nem vale a pena. Um poucachinho de demora.... ora quo importa isso? fazer esperar alguns minutos, e ainda uma ou duas horas.... bagatelas! isso em a nossa sociedade é cousa que não tem a menor significação, e portanto façamos a paz. A paz! nada de mais apreciavel! A paz d'alma, a tranquillidade do coração, são cousas do tanto valor e de tão subido preço, que se não devem baratear ahi por qualquor caprichozinho. Assim não nos enfademos por causa do uma demorazinha, por causa de um bocadinho de tempo perdido, e de mais ou menos palavras gastas em um capitulo, mais ou menos ôco.

Com effeito, vejo que podeis saltar, quero dizer, passar sem ler o capitulo passado, e este, que parece ser como o antecedente, pelo geito que a cousa vai levando; mas vos advirto que so o fizerdes não fareis bem, palavra de honra! Não obstante, como sois senhor de vossa vontade, fazei o que muito bem quizerdes.

Quanta palavra sem idéa alguma! Que loque-

la! Bem vêdes, estou nos meus seis mezes; são os seis mezes da vingança.

Um sujeito rebuçado em um largo capote, tendo o chapéo muito enterrado, e penso para diante, estava recostado á parede da igreja da Sé; pouco depois, outro, tambem rebuçado, ahi chega, e diz ao primeiro rebuçado:

— Estou ás suas ordens.

— E eu prompto, respondeu o outro. Dito isto, dirigirão-se ambos por entre as arvores da pequena capoeira, e em um logar azado aos seus intentos tirarão seus capotes, puxarão de suas espadas, e cruzarão-as, como quem sabia do officio. O combate começou.

Os dous contendores batião-se com tal denodo e com tanta bravura, que nenhum delles tinha que invejar a algum desses bravos duellistas que fazião officio de se andar batendo ahi por qualquor ninharia. Depois de algumas investidas, alguns enganos, e algumas manobras de destreza e agilidade, mas tudo frustrado, um dos contendores atirou ao contrario uma furiosa estocada; mas retrocedendo logo com admiravel presteza, fez redemonstrar sua

espada, concluindo o ataque descarregando sobre a frente do adversario um destro e tremendo golpe! mas a espada, com tanta força e habilidade brandida contra o inimigo, descarregou o peso com que vinha sacudida sobre a lamina da espada adversa, cujo dono, com destreza, habilidade e ligeireza não menos admiraveis, soube, e tão a tempo, aparrar um golpe, que lhe seria inteiramente funesto se uma tal destreza tão a tempo não viesse salvar sua cabeça, assim hypothecada aos perigosos fios de uma espada tão habil, tão destra e tão valentemente brandida!

A lamina da espada que acabava de soffrer este temeroso encontro cedeu ao impulso, descreveu uma curva, voltou-se, procurando a recta de sua natural posição; e, incapaz dos dous rapidos e encontrados movimentos, estalou-se em dous logares! A parte do centro, desligada da parte da ponta e da que ficava para os côpos, vôu com tal impetuosidade, que, batendo de prancha no chapéo do contendor que ficava desarmado, não obstante o estar muito carregado em sua cabeça, arrancou-lh'o della, indo cahir a cinco ou seis palmos longe de seu dono, e tambem o pedaço da folha da espada; a ponta, essa, ganhando maior impulso, foi tambem cahir a muito maior distancia!

O bravo pelejador, que havia assim desarmado o seu adversario, vendo-o indefeso, tão nobre quão valente, cravou bizarramente no chão a ponta da sua espada, e pondo ambas as mãos sobre os copos, disse ao seu inimigo, que apertava ainda em sua mão os copos de sua ex-espada, onde todavia estava soldado um palmo ou pouco mais de folha:

— Bem vê que está desarmado.... Podemos pois adiar a nossa contenda para outra occasião....

Enquanto este assim fallava, o outro rapidamente recuou alguns passos, e ficou um tanto separado do seu inimigo, que tinha ainda a ponta de sua es-

pada no chão. O desarmado porém, com incrível presteza, passando o resto da espada para a mão esquerda, fez com a direita um ligeiro, mas subtil movimento, por debaixo de suas roupas; e estendendo contra o seu contrario um braço armado de uma pistola, desengatilhou-a, dizendo em resposta á proposição que este lhe fizera de adiarem o combate:

— Não: agora mesmo podemos decidi-la....

Por esta vez a morte se não prestou á traição! A morte tem algumas vezes juizo.... e quem sabe sempre! A arma mortifera negou fogo! Que fatalidade! Este pobre diabo bem podia neste momento despachar o seu adversario com um bem seguro passaporte para o porto para onde vai todo o mundo, e por todo o mundo tão ignorado!

Ao som da pancada produzida pela pederneira sobre o fuzil, o vento rasgou rapidamente o tenebroso véo que encobria a face do astro da noite, e um raio de luz que a lua deixou infiltrar-se por entre uma abertura das arvores, batendo em cheio sobre o traidor, apresentou ao outro o rosto do seu inimigo, que, sem chapéo, já se não podia disfarçar com a mesma felicidade com que até ali o havia feito. Tudo isto foi tão rapido, que apenas o pensamento pôde acompanhar. O leitor muito melhor pôde comprehender que o narrador explicar.

Qual o embaraço do traidor, vendo-se sem espada, tendo sua arma lhe negado fogo, e em consequencia exposto ás justas iras da mui justa vingança do seu contrario; qual o furor daquelle que tão nobremente cravára no chão a ponta de sua espada, vendo o seu inimigo desarmado, para ser de uma maneira tão monstruosa e tão vil, tão ~~comdomea-~~ te traidor, o leitor judicioso poderá bem ajuizar.

— Traidor! exclamou o armado. Mas tu.... tu não és D. Geraldo de Pina!.... Infame! assassino!...



CAPITULO IX.

ALTERNATIVAS DA VIDA.

Os homens que mais pretendem prever, são sempre os que mais se enganão.

A prevenção na desgraça não é mais que uma dôr antecipada; a prevenção na felicidade uma esperança.

Eis o porque a vida é uma completa illusão, e a dos mãos um verdadeiro engano!

Se o leitor se não esqueceu do que lhe narrei no capítulo VI, lembrar-se-há de que Archanjo, no dia em que tinha de bater-se com o Sr. de Pina, dispôz seus negocios e arranjou suas cousas; que depois fez alguns exercicios á espada; que ás seis horas da tarde sahiu de sua casa com animo de, ou não mais voltar a ella vivo, ou voltar ferido, ou vencedor e illeso. O leitor tambem sabe qual a ordem que elle deu a seu escravo; tambem sabe que Archanjo guardou um religioso silencio ácerca de seu encontro com o Sr. D. Geraldo de Pina; finalmente sabe que ás oito horas menos um quarto este moço estava no logar marcado, disposto e prompto para bater-se.

Logo, Archanjo não faltou: veio, e veio como cavalleiro que vinha nobremente desempenhar a sua palavra o desaggravar a sua honra, ou antes a honra de seu paiz, como elle mesmo tão galharda e tão solemnemente havia declarado!

Ora, se se devesse taxar de falta uma nimia promptidão, seria essa a unica que se poderia lançar em rosto a Archanjo; mas quem ali haverá que crimine um homem por se antecipar um quarto de hora á hora emprazada para uma audiencia, uma entrevista, ou um encontro? Archanjo quiz antes esperar que ser esperado; e por isto, antes louvores que censuras lhe cabem.

E pois estamos certos, e bem certos, de que Archanjo não faltou ao seu empenho de cavalleiro: bem.

O leitor estará tambem lembrado de que um sujeito, dando-se a maior pressa possivel para chegar ao logar do encontro, demandava-o a ligeiros passos; que elle chegou ao ponto quando oito horas soavão no sino do relógio do collegio dos Jesuitas; que este sujeito, quem quer que fosse, tendo ali chegado, respirou, e olhando em roda de si, certificou-se de que estava só; que começou de pas-

sear de um para outro lado. E' pois claro que este sujeito ali não foi por um simples acaso; que alguma urgencia, fosse qual fosse, o conduziu a esse logar. Portanto é evidente que este sujeito espera por alguem, e espera com impaciencia. O leitor enfim terá ainda em mente as palavras proferidas por este sujeito, ao passo que o relógio marcava os diversos quartos entre as oito e nove horas.

Agora, quem era esse rebuçado que tanto se irritou por esperar uma hora? Não vos dizia eu que é horrivel cousa o esperar?

Pois bem: este rebuçado era nada mais e nada menos que o Sr. D. Geraldo de Pina em carne e osso: era pois elle que ali havia chegado exactamente ás oito horas em ponto. E' pois claro que o nosso fidalgo, ás oito horas e um quarto, podia retirar-se sem desar algum, porque á hora dada não havia faltado; e não tendo vindo o seu rival a essa hora, podia se ausentar sem o menor inconveniente para sua honra; mas D. Geraldo de Pina era a pontualidade em pessoa, não obstante o ser Portuguez; e como Portuguez sabia perfeitamente dos nossos máos habitos; e eis o porque o fidalgo esperou ainda mais uma hora além da ajustada entre elle e o seu rival.

Certo pois o leitor do quem era o vulto, é claro que elle esperavá por Archanjo.

As nove horas D. Geraldo de Pina, furioso, delirando em sua mente uma cabal vingança, vingança horrivel, cheio de despeitos, nojos e rancores, retirou-se, fazendo do Archanjo, o seu rival, o mais desfavoravel e odioso conceito: e elle tinha razão, porque ás oito horas em ponto estava no logar do encontro, e não o seu rival. O máo humor que lhe havia causado a falta de Archanjo não se tinha desabafado, porque essas curtas phrases amargamente proferidas quasi ao som dos quartos que marcava o relógio, e como que do proposito graduadas, reveláráo sufficientemente as iras do uma alma tão justamente agastada, e os furoros de um coração afogado em quanto fol pôde do suas infernaes fauces botbotar o cinno e o despeito do ser tão indignamente menoscabado por um rival, o rival que elle mesmo considerava feliz!

Um quarto depois das oito horas, na mente do Sr. de Pina, marcou a indignidade de seu rival!

Dous quartos marcárão a sua infamia!

Tres a sua vileza!

Mas quatro quartos, isto ó, nove horas, o que marcárião? o quo marcárião nesse coração despedaçado, resentido, o cheio do odios? marcárião alguma

cousa mais; marcárão a vehemencia de sua razão, a negrura do procedimento do seu rival, o horror do seu odio, e toda a vehemencia, toda a negrura e todo o horror de sua vingança!

Mas Archanjo não faltou; e não só foi ao ponto do encontro, como até bateu-se: mas com quem? eis o que se não sabe!

Archanjo, ás oito horas menos um quarto, dirigiu-se ao logar emprazado: ali, no mesmissimo logar em que devia achar o Sr. de Pina, encontrou um vulto envolvido em seu capote; e crendo-o o seu rival, disse:

— Estou ás suas ordens.

E dizendo isto, ambos entrárão o pequeno mata-gal, onde se forão bater. O combate dos dous durou pouco menos de um quarto de hora.

Quando D. Geraldo de Pina chegou ao ponto ajustado, ás oito horas, já Archanjo se havia medido com um adversario, o qual julgára ser D. Geraldo, e cuja espada quebrára-se entre sua forte e agil dextra. Este adversario, quem quer que fosse, praticou a infamia que o leitor sabe, servindo-se de uma arma de fogo contra o seu adversario.

Archanjo, irritado até o ultimo ponto por esta traição, investe ao traidor, com o fim de cravar sua espada naquelle coração covarde, infame e vil! O traidor, vendo-se desarmado, e não podendo socorrer-se á sua pistola, foje, entranha-se pelo meio das arvores da capoeira, e busca assim escapar-se ás diligencias de seu inimigo, que, lhe seguindo a pista, o persegue sem lhe dar quartel. O fugitivo busca todos os meios de illudir o seu perseguidor.

Exceptuando a virtude, exceptuando o vicio, nada neste mundo é de um bem ou de um mal absoluto: todo o bem, todo o mal é bem, é mal relativamente. O que acontece ao adversario de Archanjo neste momento o prova sufficientemente. A lua envolta em um espesso turbilhão de nuvens borrascosas, negando á montanha em que elle se passava a sua doce claridade, tinha discretamente protegido a traição do miseravel: mas quando o infame desejava mais cerrado este montão de nuvens, elle so descose, e por entre as descosidas orlas deixa escapar-se um raio do astro da noite, furtivo sim, mas todavia bastanto para nulficar a mascara do perverso, e esclarecer o seu negregado procedimento!

As sombras produzidas por essa enorme massa aëria empanada e enegrecida pelo bafejar da tempestade, havião para o malvado sido um bem, porque essas sombras encapotavão e favorecião a sua

hedionda traição! A repentina luz que rapida se havia escoado por entre a rotura da nuvem havia sido para elle um mal; porque essa luz punha-lhe o rosto em claro e revelava a sua traição! Mas essa luz, que lho foi um mal torna-se-lhe agora um bem, e bem mais apreciavel, porque lhe allumia o caminho por onde foge e que o deve salvar, porque elle corre melhor que seu perseguidor, pois que corre de medo da morte, e só um desastre, uma queda, por exemplo, poderá collocar sua cabeça debaixo dos fios da espada de seu furioso inimigo!

Dir-se-ia que o astro mal protector dos amantes detesta toda a sorte de traições, que as revela e entrega os traidores á espada da vingança! Dir-se-ia que o astro da noite andava a contas com este miseravel! Com a mesma rapidez com que o sopro da tempestade tinha despedaçado a nuvem, soldou-a de novo, e o limbo de prata da brilhante rainha da noite ficou outra vez embebido nas longas dobras do manto da procella. Ha pouco as sombras lhe forão um bem, abrigando a sua traição! Ha pouco a luz lhe foi um mal revelando-a! Ha pouco a luz lhe forão um bem, protegendo a sua fuga! agora as sombras lhe são um mal, dificultando-a! E pois, no curto espaço talvez de cinco minutos dons phenomenos tão contrarios são alternativamente duas vezes bom, e duas mal! As sombras primeiramente um bem; a luz primeiramente um mal! Depois a luz um bem, depois as sombras um mal! Alternativas da vida!

Estes cinco minutos alternados de luz e de sombras, de bens e de males, não serão uma verdadeira imagem da vida do homem?!

O que é pois a vida do homem? Males que se evitarão, ou não, bens espontaneos, ou que se buscarão, sombras maleficas ou beneficas, luzes propicias, ou funestas! Emfim, uma palavra que encerra males e bens, luzes e sombras; e immediatamente seguida de um ponto final.... de um ponto, isto é, uma figura sem dimensões, completamente abstracta, que nos symbolisa a eternidade; esse ponto final immensuravel, imponderavel, incalculavel, e finalmente abstração infinita!

Sigamos.

Para o lado da praia de Santa Luzia, onde termina a planura do morro do Castello, e começa o declive, que lá vai morrer na dita praia, uma valla de tres ou quatro palmos de profundidade e de quatro ou cinco de largura, destacava, por assim dizer, a planura do declive, e punha entre este e aquella um pequeno embaraço, limitando ao mesmo tem-

po uma chacara que desde o cimo do monte até á praia occupava todo o declive. A chacara não tinha outra divisa, outra cêrca, senão esta valla, porque uma cêrca de espinhos (vulgarmente chamados de Máricá) tão infesada ali vegetava, tão rareada era, que não podia servir de embaraço a quem quizesse penetrar no terreno da chacara, ou a animaes quadrupedes que por ali pascessem.

Em um dos pontos do declive, e onde era por demais escabroso, tão rapido e tão ingreme se precipitava, que levantada uma perpendicular junto á base da montanha, esta formaria com o declive um angulo de quarenta grãos, pouco mais ou menos. Onde o declive findava na planura, sobre a beira da valla, nem uma arvore de espinhos havia vingado, nem outra arvore de qualidade alguma.

O fugitivo adversario de Archanjo, ou ignorava todas estas cousas, ou dellas se não lembrava neste momento critico. Com o fim de escapar a seu perseguidor, sahe do mataçal, e corre para o lado do declive, da parte de Santa Luzia. A côr da valla não differia da côr do terreno plano; correndo, faltalhe de repente a terra debaixo dos pés, e cahe; mas cahe sobre a ribanceira opposta; e oppondo as mãos ao choque dos peitos de encontro á ribanceira da valla, e recebendo estas o impulso da queda, a queda foi sem notavel desgraça! Archanjo, ouvindo o baque e o repentino desaparecimento do fugitivo, suspende-se temendo igual sorte. O fugitivo vinga a ribanceira da valla, e põe os pés na humedecida gramma que o sereno da noite orvalhára; estes escorregão sobre o lubrico declive, e elle lança a mão ao fragil ramo de um pequeno arbusto; o corpo, movido do primeiro impulso, continúa a deslizar-se pelo arriscado declive; o ramo estende-se, e, incapaz de sustentar o peso que o puxa, arrebenta-se, e vai, na mão que com tanta força o prende, medir a extensão do declive, desde o topo da montanha até a sua baixa! Em sua passagem, este corpo, que assim rolava, desloca alguns pequenos seixos que ali jazião, talvez desde sua criação. O estrondo do rolar destes pequenos seixos, dos ramos que se despedaçavão e da terra, que se soltava, e escoava-se pelo monte abaixo, augmentão o estrondo do rolar e do cahir do miseravel! Lá de cima Archanjo lhe ouviu o rodar pelo declive do monte, e o moço teve pena! Talvez que o infeliz gemesse; mas a bulha dos seixos, dos ramos e da terra lhe abafou o gemido! Talvez que gritasse no ultimo cahir; mas o fragor do rebentar da onda, que tão lá embaixo se despedaçava na praia, aba-

fou seu grito ! Mas apenas passou a bulha da queda e o marulho da onda, Archanjo ouviu uma algazarra de ladrar de cães e de gritar de homens. Uma voz clama por soccorro, gritos se misturão e se succedem : pouco depois se restabelece o socego, e o silencio é completo.

Archanjo retirou-se, e recolheu-se á sua habitação : ahi soube que dous homens, um velho e um moço, o havião procurado. Erão dez horas e meia quando o moço tomou casa.

A's onze horas a tempestade cahiu.

D. Geraldo de Pina ao retirar-se sem se bater entendeu que Archanjo se quiz esquivar ao encontro. Archanjo entendeu que aquelle com quem se tinha batido era um emissario do seu rival. Qualquer

dos dous, se julgando mais horriavelmente affrontado, jurou uma terrivel vingança !

O leitor sabe que palavras disse o Sr. de Pina contra Archanjo : quanto a este, tendo por um favor da Providencia escapado a um tiro de pistola ao retirar-se depois do seu combate, disse :

— Ah ! Sr. D. Geraldo de Pina.... Sr. D. Geraldo de Pina, sois um traidor !...

Elle disse, e um sorriso desbotado, amargo e sombrio passou por sobre seus labios como um relampago funesto, medonho e mortifero passa por sobre um céu tempestuoso !

Se um anjo offendido por algum demonio, jurando perante Deus vingar-se desse demonio, se sorrisse, o seu sorriso seria como o de Archanjo neste momento fatal !



CAPITULO X.

DOUS MANCEBOS NASCIDOS UM PARA O OUTRO!

O vencer o medo da morte é bello ! é um heroismo perante a Gloria ! mas vencer os vicios combatendo a si mesmo, sendo mais bello e mais util, é uma abnegação estupenda, uma dedicação suprema, o verdadeiro heroismo da virtude, e o sublime martyrio da santidade.

D. Geraldo de Pina, comquanto não chegasse ao ponto marcado depois da hora emprazada, não poderia comtudo ter chegado mais cedo? Eis uma pergunta bem natural, que qualquer leitor se julgará com direito de fazer-me. Podia, e tal era o seu desejo ; mas outros desejos de encontro ao seu retardarão, e fizeram com que não comparecesse no logar do ajuste senão quando o vimos ali chegar.

Sabemos de tudo quanto fez Archanjo no dia em que teria logar o seu duello com o seu rival, e sabemos de seus passos até o logar do encontro : as mesmas miudezas não temos porém sobre o Sr. de Pina ; assim convem remediarmos essa falta, ou onchermos essa lacuna.

D. Geraldo morava com seu tio. No dia do duello, logo ao depois do jantar, o velho, com uma doçura e modo alegre, que jámais deixava, disse-lhe :

— Tens de sahir esta tarde, meu filho ?

— Sim, meu tio, se Vm. me não mandar o contrario, respondeu o mancebo.

— Não, não : mas a quo horas tens de sahir ?

— De noite, meu tio.

— Tarde, meu filho ?

— A's sete horas, pouco mais ou menos.

— E é mister que seja mesmo ás sete horas ?

— Não, senhor ; até ás sete e meia.....

— E não me poderás acompanhar antes dessa hora ?

— Os serviços de meu tio estão primeiro que os meus passeios....

— Oh ! não : isso nunca....

— Sempro, meu tio.

— Não, não quero isso. E' que tenho que sahir ás cinco ou seis horas da tarde, e desejava que me acompanhasses.

— Não ha a menor duvida, meu tio.

— Queria apresentar-te a um moço meu amigo ; moço de optimas qualidades ! Sim.... e queria que fosses seu amigo.

— Sim, senhor.

— Talvez o tenhas encontrado em casa de Rosa....

— Lá só encontrei um moço chamado Archanjo.....

E' isso, é isso mesmo. Não gostaste dello ?

— Estive com elle muito pouco tempo.

— Pois é um moço apreciavel, muito honrado, e grave em suas acções.

— Estimaria ser seu amigo.

— Has de sê-lo, Geraldo, has de sê-lo. A honra busca a honra, como a chamma se eleva para o alto. Pois bem; podes-te ir: ás cinco horas ou cinco e meia eu te mandarei avisar.

O Sr. de Pina sahio.

Às seis horas e meia da tarde o tio e o sobrinho procuráram Archânjo, encaminháram-se para a casa de Rosa: ali tambem o não encontráram. O velho, suppondo que o mancebo ali iria, demorou-se até ás sete horas e meia: a essa hora, vendo que Archânjo não apparecia, voltou-se para o sobrinho, e disse:

— Vamos. Visto que elle não apparece, retiremo-nos. Não estás enfadado comigo por este tempo que te fiz perder, meu filho?

— Oh meu tio! nunca.

— Já paixão de sete e meia; preciso recolher-me, que a noite não está boa. Ficas, ou queres acompanhar-me

— Acompanho-o, meu tio.

— Obrigado. Então vamos.

Os dous sahirão.

O Sr. de Pina acompanhou seu tio até á sua habitação; e deixando-o ali, e partindo para o lugar em que devia ter o encontro com Archânjo, attenta a circumstancia de ser vagoroso o passo do velho, devia gastar meia hora, ou pouco menos. Os dous caminharão pois: o velho ora andava mais lesto e ora mais lento: dizes que graduava seu passo pelos minutos que decorrião, de modo que seu sobrinho ás oito horas não faltasse ao seu empenho de cavalheiro. Chegáram. O velho despediu o sobrinho; este nao tinha mais que tres ou cinco minutos de que aproveitar-se para chegar ao ponto: aproveitou-se delles com diligencia, e ás oito horas lá estava, como o leitor o viu.

Em a noite em que devia tor lugar o duello, o Sr. de Pina recolheu-se á sua habitação, sem novidade alguma, e apenas contrariado por se não haver batido, como o desejava. Archânjo tambem se recolheu sem incidente algum; mas cõntrariado por se haver medido com um aventureiro, um traidor, que não conheceu.

As idéas que devião nessa noite turbilhonar naquellas duas cabeças, as iras que devião inflammar aquelles dous corações, as dôres que devião flagellar aquellas duas almas, os tormentos emfim daquellas cabeças de fogo, daquelles corações de amor, e daquellas almas de vingança, melhor pôde o leitor ajuizar que o narrador descrever. Sem somno

o sem sonhos correu pois para elles essa noite vagarosa e inedonha! Vagarosa como a noite em que gottoso enfermo sente-se despedaçar por suas infernaes dôres! medonha como a derradeira noite de um condemnado á pena capital!

No seguinte dia Archânjo foi á casa de Rosa procurar o Sr. de Pina; o Sr. de Pina foi á casa de Rosa procurar Archânjo. Qual foi primeiro não o sei eu dizer; mas um foi primeiro que outro; e tanto assim, que elles não se encontráram. Rosa disse a Archânjo que o Sr. de Pina ali estaria á noite, e disse ao Sr. de Pina a mesma cousa acerca de Archânjo. Com effeito, este procedimento de Rosa parece notavel; mas Rosa que assim procedeu é porque tinha as suas razões; em consequencia pois deixemo-la.

A grande luminaria do dia occultava-se por detrás do nosso horizonte; cahião as sombras, e a luz desaparecia, quando Archânjo chegou á casa de Rosa. Ainda ali não estava o Sr. de Pina. O moço esperou-o, e o Sr. de Pina não deixou de se fazer esperar: elle entrou sendo quasi oito horas. Cinco minutos depois de sua chegada, Archânjo levantou-se de seu lugar, e tomou uma cadeira junto de seu rival, e ali em meia voz lhe disse ao ouvido:

— Esta noite, comquanto a lua se levante mais tarde que antes de hontem, todavia creio que não é menos agradável que essa em que V. S. convidou-me para ficar no jardim passeando....

— Ah! comprehendo, disse o Sr. de Pina.

— Se me fosse pois licito fazer-lhe um igual convite....

— Aceito-o com muito gesto.

O Sr. de Pina disse, e ergueu-se.

— Mas... continuou elle, não devemos penetrar o interior sem permissão.... não julga?...

— Creio, sim, disse Archânjo.

— Voltando-se para Rosa continuou:

— Minha madrinha, permite que cheguemos ao jardim?

— Oh! pois não l disse Rosa. Sem cerimonia... podem entrar.

— Obrigado, disserão os dous moços ao mesmo tempo, e se forão para o jardim.

Durante a noite passada o vento havia mugido, a chuva agoutado as flôres, e a trovoadá despedaçado os ares; mas ao romper da aurora o vento encolhen as azas, a chuva suspendeu-se nas nuvens, e a trovoadá emmudeceu nos ecos. O sol sahio bello; as nuvens esvaecêram-se, e o dia correu sereno, puto e brilhante. A noite estava risonha e suave,

o céu limpo e magnifico. A lua cheia, inundando com sua doce luz as campinas ethereas, e afogando debaixo della uma multidão de timidas estrellas, estava já um tanto elevada sobre seu horizonte: entretanto este bello astro, occulto por detrás do morro do Castello, não podia ainda afugentar um turbilhão de sombras que se abrigava na encosta da montanha, e que se projectava um tanto discreto sobre o ameno jardim da linda Rosa Branca. No meio pois destas sombras, sombras indiscretas para dous amantes, mas ainda discretas para dous rivaes, pararão os dous mancebos. Ahi foi Archanjo o que primeiro fallou:

— Senhor, um homem que provoca a outrem, que o insulta, que o fere no mais íntimo e no que elle mais venera, que o desafia emfim, que marca uma hora, que firma um logar para o combate, e que a despeito de tudo isto, atropellando os mais sagrados direitos, ostenta-se como um traidor como um vil, como um scelerato, senhor, que nome tem?

— Os nomes que eu lhe dei, respondeu Pina.

— A mim?

— Pois a quem?!

— Admiravel sangue-frio! E que nomes são?

— Senhor, um quarto de hora depois da hora marcada para o nosso combate chamei-o *indigno!* dous quartos depois chamei-o *infame!* tres quartos depois chamei-o *vil!* e quando o relógio marcou nove horas chamei-o o *mais indigno, o mais infame e o mais vil de todos os homens!*...

— Estou mettido com um garoto do Terreiro do Paço de Lisboa! murmurou Archanjo. Com que, senhor, proseguiu elle em voz alta, no fim do primeiro quarto *indigno?*...

— Sim.

— No fim do segundo *infame?*...

— Sim.

— No fim do terceiro *vil?*...

— Sim.

— E no fim de uma hora o *mais indigno, o mais infame e o mais vil de todos os homens?*...

— Sim, sim, sim.

— Pois, senhor, os demonios me carreguem em carne e osso se não estou mettido n'uma intrincadissima novella, desdo as unhas dos pés até ás pontas dos cabellos, e isto apezar da minha circumspecção e seriedade!... ou então estou mettido com o mais refinado garoto do Terreiro do Paço de Lisboa; e ao mesmo tempo o homem mais perfido e mais traidor do mundo....

— Traidor... eu traidor!...

— Vejo que o elogio não é lá muito lisongeiro: mas o que quer? E' preciso que lh'o diga. Póde um homem ser indigno sem ser traidor; póde ser infame sem ser traidor; póde ser vil sem ser traidor; mas quando é traidor, é indigno, infame e vil, e tudo quanto ha de perverso e immoral! O homem que aceita um duello, seja por que motivo fôr, e que á hora aprazada não comparece no logar ajustado, é certamente um indigno, um infame e um vil, ou se assim o quizer, o mais indigno, o mais infame e o mais vil de todos os homens! Mas o homem que provoca a outrem, que até certo ponto o força a aceitar o seu desafio, e que á hora contratada não só não comparece no logar do ajuste, como manda em seu logar um emissario, um espadachim armado de uma pistola, para servir-se della contra o seu adversario, no caso de o não vencer á espada, arma do seu ajuste, este homem, senhor, além de indigno, de infame e de vil, é um desprezível traidor, um assassino mais digno da corda do carrasco que da espada de um rival honrado! Ah! Sr. D. Geraldo de Pina....

— Mas quem é esse homem?

— Um nobre, senhor!

— Um nobre?!

— Um fidalgo!....

— Mas que nobre, que fidalgo?!

— Um valente, um bravo cavalleiro....

— Mas como se chama?... o seu nome?....

— Entre os homens de honra elle o não tem.... mas entre os patifes chama-se D. Geraldo de Pina....

— Oh! é muito.... é muito!.... disse o Sr. de Pina levado de um transporte de colera; um de nós....

— Suspenda-se, ou lhe faça fogo.... disse Archanjo, apresentando ao seu rival duas pistolas, uma em cada mão, as quaes naquelle mesmo instante tirára de suas algibeiras. Suspenda-se, e ouça o que lhe quero dizer.

D. Geraldo, á vista das duas armas, que de repente lhe apresentára o seu rival, suspendeu-se cheio de indignação.

— E' muito!... continuou Archanjo, muito o que? E' pouco, muito pouco, tudo quanto acabo de apropriar-lhe.... Mas não foi para disputar que aqui vim. Hontem ás oito horas menos um quarto cheguei ao logar marcado para o nosso encontro: no logar em que lhe devia esperar ou o Sr. D. Geraldo a mim, achei o seu emissario; elle lhe terá con-

tado o que entre nós houve.... bagatellas.... Mas como é com o Sr. D. Geraldo a minha contenda, eis-me aqui. Aqui estão duas pistolas; ambas são optimas; palavra de honra! pôde fiar-se em qualquer dellas. O Sr. D. Geraldo de Pina escolherá a que lhe parecer. Segundo as mais rigorosas leis do duello, caso me queira aproveitar dellas, como offendido, como provocado, devo atirar primeiro; mas não quero a menor vantagem; quero que sejam iguaes os partidos; assentemos pois nas condições.

— Aceito, senhor: mas antes de aceitar uma de suas armas, desejo que me escute um momento.

— Estou ás suas ordens.

— A franqueza com que o Sr. Archanjo acaba de offerecer-me uma de suas pistolas, escolhendo eu a que me parecer; a lealdade com que me apresenta este combate com igual partido, prova-me sufficientemente a sua honra, e nobreza de sua alma! Já que não podemos ser amigos, sejamos muito embora o que o destino quer que sejamos. Matemo-nos pois; morramos, ou morra um de nós; porque do ponto em que nos achamos nenhum de nós pôde retroceder sem deshonra. Se morrer um, esse ao menos morra com a doce consolação de que morre rehabilitado no animo de seu rival. A honra é de muito mais preço que a vida; perca-se a vida, mas salve-se a honra! Sr. Archanjo, juro.... (seja-me Deus testemunha deste juramento) juro pelo sangue de Jesus Christo que ás oito horas em ponto estava eu no lugar em que devíamos esperar um pelo outro; que ali esperei até ás nove horas; que a essa hora, sem nada ver, sem nada ouvir, retirei-me; e que do nosso desafio a ninguem participei. Agora dê-me a pistola.

— E eu juro (tomo a Deus por testemunha) pelo sangue de Jesus Christo que ás oito horas menos um quarto achei no lugar onde nos devíamos encontrar um rebuçado, a quem eu disse: — Estou ás suas ordens, — o qual me respondeu: — E eu prompto; — que este rebuçado seguiu-me em silencio; que bateu-se comigo com valentia e destreza; que quebrando-se-lhe a espada, desarmou contra mim uma pistola que negou fogo; e que por fim fugiu sem que eu o pudesse conhecer. Aqui estão as pistolas, pôde escolher a que quizer.

O Sr. de Pina, desviando o rosto para não ver a arma em que ia pegar, tomou uma das pistolas.

— Ambas estão carregadas e escorvadas; pôde verificar, disse Archanjo.

— Ambas estão igualmente carregadas e escorvadas, respondeu D. Geraldo.

— Obrigado.... muito obrigado.... As condições como as quer?

— Como offendido e provocado, é o Sr. Archanjo quem as dictará.

— Seja. Desabotoaremos os nossos vestidos, ficando expostas as nossas camisas sobre nossos peitos; isto por serem ellas as partes mais claras que temos em nossos corpos, visto que não podemos dividir a luz, porque não a temos.

— Exactamente.

— Vinte passos nos separarão; não julga?

— Vinte passos, ou os que quizer.

— Faremos fogo ao mesmo tempo....

— Obrigado.

— Caminhando um para o outro, ou a um signal dado?

— Quando os partidos são iguaes, senhor, tudo isso é indifferente.

— Pois então caminhando tres passos um para o outro, e ambos nós contando-os em voz alta: um.... dous.... tres. A' palavra tres faremos immediatamente fogo.

— Sim, immediatamente.... mas....

— Mas o que?

— Por minha honra julgo do meu dever declarar-lhe que, atirando á pistola, nunca errei a um alvo nem a mais de vinte passos; e que ora a desasete é muito mortal a pontaria....

— Obrigado. Tanto melhor; morreremos ambos.

Neste momento a lua começava já de vingar o dorso do morro do Castello, e um seu raio, ferindo como uma tangente o boleado da montanha, onde a planura se perde no declive, vinha docemente cahir em suaves ondas de prata, sobre o risonho jardim da encantadora Rosa Branca, theatro em que os dous altivos actores representavão um tão terrivel drama, cuja peripecia seria talvez funesta a ambos, ou a um delles.

Mediu-se o terreno, e cada um dos dous contendores collocou-se no extremo da arena. Elles erguerão suas pistolas.

Ahi estavam dous mancebos, um em frente do outro, sopesando cada um em sua dextra a terrivel morte que desejava qualquer delles arrojarem ao peito de seu inimigo! Dous mancebos tão moços, tão generosos, tão bellos, tão cheios de virtudes, de vida, de esperança e de amor! Dous mancebos nascidos um para o outro! que devião ser amigos, como Pylades e Orestes, se em outra qualquer occasião a

sorte os reunisse ; mas rivaes e inimigos crucis, porque a sorte, funesta a tão bellas partes, fez do seu encontro uma terrível collisão, querendo que seus corações se fossem ambos esbarrar de encontro á mesma balisa !

Collocado pois cada um no logar que lhe cabia, e com a morte erguida em suas mãos ; avançárão o primeiro passo, proferindo ambos a um tempo :

— Um . . . — Avançárão segundo . e proferirão :

— Dous —

Não tinham ambos bem firmado a palavra—dous — quando uma voz imperiosa e vibrante, bradou :

— Suspendei-vos, mancebos!!!

Ao mesmo tempo uma figura humana, porém grave, magestosa e solemne, firmou-se no meio da arena entre os dous rivaes contendores !



CAPITULO XI.

CAREÇO DE MAIS VIRTUDES PARA VOS PERDOAR ESSE CRIME.

Se o homem baseasse o seu orgulho sobre a verdadeira razão, a justiça teria um throno sobre os corações humanos; e os mais rigidos deveres e suaves direitos serião a lei suprema de uma sociedade policiada e moral.

Qual a razão por que Rosa disse a Archanjo, quando este procurou a D. Geraldo de Pina em casa della, que elle lá estaria á noite? Qual a razão por que a mesma tambem disse a D. Geraldo de Pina, procurando Archanjo, que o fidalgo lá estaria á noite? E' certo que um delles foi primeiro, e temos boas razões para crer que foi Archanjo. Tendo pois este ido primeiro, tambem é certo que Rosa não fallou com D. Geraldo senão ao depois que fallou com Archanjo: e então como sabia que D. Geraldo de Pina lá estaria á noite, não tendo antes fallado com este senhor? Que dados tinha Rosa para contar com a pessoa do Sr. de Pina aquella noite, não o tendo visto todo aquelle dia, nem consultado a sua vontade de maneira alguma?! Tambem é certo que Archanjo chegou á casa de Rosa, e tendo sabido da saude das senhoras, perguntou se D. Geraldo lá estava ou tinha estado aquella manhã, ou noite antecedente. Rosa lhe disse que não, mas que o esperava á noite. Archanjo despediu-se: Rosa não só nada lhe perguntou, como o mesmo Archanjo nada lhe prometteu ao despedir-se! Entretanto vemos que quando o Sr. de Pina procurou Archanjo em

casa de Rosa, esta lhe disse que elle lá estaria á noite! E com effeito a matrona não se enganou; porque á noite lá estavam os dous mancebos como acabamos de ver. Será que Rosa, tendo notado alguma affeição entre Archanjo e sua sobrinha, e a inclinação de D. Geraldo para a mesma, contasse com elles todas as noites? Mas nem um, nem outro costumava a lá ir todas as noites; e demais, Rosa não disse: — Suspeito, julgo, penso, etc., que virá esta noite: — não usou pois de um termo ou phrase dubitativa; mas de um modo de fallar preciso, seguro e terminante: — Não está, não veio nem hontem nem hoje; mas ha de aqui estar esta noite! —

Ora o leitor deverá bem ter isto notado; e não sendo que Rosa so justifique cabalmente, parecerá o seu procedimento uma cilada em quo devião cahir os dous mancebos: tanto mais que Rosa occultou ao Sr. de Pina a circumstancia de have-lo Archanjo pouco antes procurado!

Vejamos porém em consequencia de que Rosa assim procedeu, para que fique ella justificada.

Hora e meia depois da hora marcada pelos dous moços para o seu duello, isto é, ás nove horas e

meia, recebeu Rosa uma carta concebida nestes termos:

« M. R.—C. da C. de J., ás 9 1/4 da noite do dia 29 do janeiro de 1744. Archanjo não appareceu felizmente! Todavia temo que lhe tenha acontecido alguma cousa: daqui a pouco o saberei. Geraldo voltou como foi: já vòdes que nada me foi preciso fazer. E' de crer que ahi vão amanhã: emprazai-os para a noite em vossa casa. Se Geraldo primeiro procurar Archanjo, dizei-lhe que Archanjo ahi estará de noite; e se Archanjo fôr primeiro, o mesmo dizei-lhe de Geraldo. Logo que ahi estiverem, fazei com que não fiquem sós antes das seis horas e meia. O mais corre por minha conta. — O P. C. »

Foi em consequencia desta carta que Rosa procleu como vimos.

Agora temos novo mysterio. Desfez-se, é verdade, o mysterio das respostas de Rosa aos dous mancebos rivaes, mas temos agora o mysterio desta carta. Seu autor sabe que *Archanjo não appareceu felizmente*. Onde? certamente no lugar do encontro! Sabe que *Geraldo voltou como foi!* Como? indubitavelmente sem bater-se! Mas este anjo, ou este demonio, que sabe tanto, receia todavia ou teme por Archanjo não haver comparecido onde o devia; logo, ignora que Archanjo se tinha batido e com quem; e se ignora isto, como sabe que este não se apresentou no lugar do emprazamento, que D. Geraldo compareceu, e que voltou sem bater-se? Como sabe do ajuste dos dous, do lugar e da hora?

Depois, pelo estylo desta carta, vemos não só pelo tom familiar com que ella é escripta, como pela sua phraseologia, que é para um confidente, quero dizer, para uma pessoa que não só sabe de tudo, mas tambem que está de perfeito accordo!

Voltemos porém ao jardim, ondo deixámos os nossos campeões interrompidos por um terceiro personagem que ahi appareco.

Ao som dessa voz, que imperiosa bradára:—Suspendei-vos, mancebos.... — disse eu que uma figura humana, porém grave, magestosa e solemne, firmou-se no meio da arena entre os dous rivaes contendores! Essa figura, apenas tomou o centro da arena, voltou as costas para a casa de Rosa e a frente para o muro do Castello. Este personagem, alto, delgado, direito e firme, apesar dos seus setenta e tantos annos, trazia sobre si a roupeta de Ignacio do Loyola, que dava á sua figura um ar mysterioso. O sacerdote cruzou sobre seu peito seus seccos braços, em um dos quaes (no esquerdo) fal-

tava a mão. A lua já então inundava com a sua feiteira e melancolica luz a encosta da montanha desso lado; o cahindo na fralda, dava agora em cheio sobre os tres personagens, que silenciosos se contemplavão, tornando este quadro mais grave, mais sublime e mais mysterioso!

A' luz deste bello astro resplandecia do homem de Deus a veneranda calva, cingida apenas por um semicirculo de cabellos, tão alvos como a neve, que era como uma aureola de pureza, que coroava aquella cabeça tão bella, augusto sanctuario só de virtuosos pensares, havia meio seculo! Um raio da lua, e talvez um sentimento de pezar ou de dôr, dando a seus olhos ainda vivos e brilhantes, apesar da idade, uma expressão divina, acabavão de imprimir nessa figura grave, magestosa e solemne, uns ares incompreensiveis, indecifraveis, duvidosos emfim entre Deus e o homem! Entretanto, nesse resto sempre doce e affavel, nesse olhar sempre sereno e tranquillo lia-se neste momento um certo humor de severidade, mas severidade amorosa, como a de um pai extremoso, algum tanto irritado, reprehendendo os desvios de um filho muito querido! Era talvez assim que o Divino-Mestre se irritava contra os indidos sacerdotes de Jerusalém, perversos transgressores da lei de Moysés!

Como se naquelle momento a terra se rasgára, e brotasse de seu seio um formidavel fantasma, os dous campeões, tomados de espanto, recuárão como diante de uma visão tremenda! Seus braços, que erguião para o ar as suas pistolas, cahirão machinalmente, como movidos por uma força suprema que desconhecida os dominava! **Recobrados apenas** do seu primeiro espanto, deixárão cahir sobre a terra as terriveis armas. Então respeitadamente cruzárão seus braços, e aguardárão mudos, e n'uma attitude humilde, as palavras do venerando velho!

— Qual é, mancebos, qual é a differença que existe entre dous homens que brigão, seja qual fôr o motivo, o dous animaes quadrupedes que livremente se acommettem e matão-se? Se dous animaes ferozes disputão uma presa á força de suas garras até o ultimo momento; se dous indomitos touros disputão a posse de uma novilha, á força do suas pontas, despedaçando-se até a morte de ambos, ou o vencimento de um; se da mesma sorte dous homens, dous destes entes tão bellos, que tanto se jactão do superiores aos demais habitantes da terra, mórmento pela sua razão, disputão a pureza de sua honra, ou a posse de uma mulher bella, mataundo-se barbaramente; qual é a superioridade?

destes dous homens sobre os irracionaes, ou com que jus gabão-se do dom da razão? Se um homem me insulta por haver eu praticado um mal, com quanto mal aconselhado andasse, comtudo não devo ver em seus insultos senão o castigo do mal quo pratiquei: se me insulta sem justa razão, Deus me justificará; e um dia mais tarde, quando a verdade dissipar as sombras do erro, e apparecer minha innocencia, qual não será minha gloria quando o homem, quo tão mal me julgou, corrido de vergonha, picado de remorsos, se vir obrigado a confessar a minha innocencia e a sua leviandade? Que me importa que mal me julguem, se minha alma está pura diante de Deus? Os juizos do mundo os vituperios dos máos, e os diterios dos loucos, jámais podem abalar uma alma que marcha tranquilla pelos caminhos do Senhor! Se eu amo uma mulher e outrem igualmente a ama, não seria um excesso de ridiculo orgulho o querer eu ser singular no meu gosto? Se os mesmos amantes das mulheres feias contão ás vezes rivaes, por quaes titulos os não querem os amantes das mulheres bellas?! Não será isto um orgulho estúpido? Se Deus nos deixou a vontade livre, não é collocar-me acima do mesmo Deus, prohibindo que outrem ame o mesmo objecto que amo? Que ridiculo, que miseravol orgulho! Ainda mais, se a mulher que amo, ou levada de mais encantos que os meus, ou de mais interesses, inclina seu coração a outrem, tenho eu jus de amaldiçoar essa mulher, ou de vingar-me della, só porque não quiz em meu favor suffocar os impulsos de seu coração? Tenho eu jus de matar esse homem, ao qual essa mulher se affeiçãoou, só pelo imaginario crime de ter para essa mulher mais merecimentos que eu? Não é pois tudo isso uma insensata manifestação de um desprezível orgulho? Desapparece o orgulho, e fica a razão: a razão então diz que so esse homem teve para essa mulher mais merecimentos quo eu, não terá para outras; e até que eu terei mais merecimentos para outras, talvez melhores que ella! Quão falsa, quão ridicula seria a posição do homem social, se a escolha de uma mulher fosse capaz de aquilatar seus meritos! Pune-se, é verdade a mulher que trahiou seu marido; mas não é a quebra do amor que a lei pune; porque a lei não desce aos recessos do coração de uma mulher, para ahi, das sombras do mysterio desentranhar os segredos de seus tenebrosos amores! O que a lei pune é o perjurio, é a fé violada á sombra do sacramento, é o furto commettido a favor

da boa fé! Que honra pois ultrajada ou amor mallogrado póde autorisar o duello, e justificar suas leis? Qual o heroismo de matar ou morrer n'um duello? O soldado que no campo da batalha vai trocar balas por balas, cruzar ferro com ferro, poucas vezes tem *in mente* a honra de sua patria, e nunca um rival; e no entanto mata ou morre por questões alheias (quero dizer, por questões que não comprehende) mediante bem poucos reaes: e ninguem chama de heróe um soldado que combateu e morreu sem medo, porque o heroismo é bem differente. Qual é pois a virtude de brigar, matar, ou morrer? Uma virtude estúpida, feroz, parte essencial dos irracionaes, se isto se póde chamar virtude. Um espadachim briga com um homem por causa de uma mulher, mata-o: mais tarde, se aborrece della (porquo um leito de amor firmado n'um lago de sangue existe em pé só emquanto esse sangue não apodrece), aborrecido della, despreza-a; desapparece 'o amor que originou um crime e occasionou uma morte, sem que a sociedade ganhasse cousa alguma com esse amor; mas a sociedade tem de menos um membro, e de mais um criminoso! Uma honra é ultrajada por um calumniador; o ultrajado podia recorrer á justiça mas quiz antes recorrer a seu braço; n'um duello mata o calumniador, mas esta morte não purificou seu nome, nem este sangue justificou sua honra; porque é preciso tempo para esta justificação e purificação (pois já não reputamos o duello como o juizo de Deus); então de que serviu esta morte? Se a honra do calumniado era pura, esta pureza apparece depois. Ora, como esta honra foi abalada, e depois firmada, a sociedade nada perdeu com isso nem ganhou; mas a sociedade tem um membro de menos, e um criminoso de mais! Além disto, se a lei prohibe que qualquer se vingue por suas mãos, deshonorado é aquelle que o faz, porque se deshonra quem transgride as leis de seu paiz; e no caso em questão, esse sangue derramado ahi fica sempre mareando essa honra, quo até então de tão pura se ostentava! Tudo isto é sempre no caso da melhor para o offendido: se porém morrem ambos? O criminoso era o offensor, e no entanto a pcna envolveu e confundiu o offensor e o offendido, ou por outra, o innocente e o culpado, como o julga o offendido, e as vezes tambem o offensor! E se morre só o offendido? pcior alternativa! porque expia um crime alheio; morre ás mãos do mesmo criminoso que o offendeu, sendo seu carrasco.... Notai bem isto, manccbos! sendo seu carrasco aquelle que devia

seu pescoço ao carrasco publico! Os crimes não devem ser olhados no que elles são em si mesmos, mas sim em suas consequencias; um crime é tanto mais horrendo, quanto é elle mais funesto em seus resultados; e é por isso que o adulterio e o assassinio são sempre considerados pelos homens mais graves como crimes mais funestos á sociedade; porque perdida a honra de uma mulher casada jámais se restaura; porque morto um homem não resuscita! Eis porque o Senhor disse mui expressamente: « *Non occides. Non machaberis.* » Entretanto, matar em um duello, por leal que seja, ou matar de outra qualquer maneira, é sempre matar, ó sempre um crime, o um crime muito funesto á sociedade! Os crimes são sempre modificados pelas inclinações, usos, crenças, etc., daquelles que os perpetrão. A cobiça de dinheiro, o amor da gloria, o ciume, o orgulho, etc., todas estas cousas gerão crimes, uns mais proveitosos que outros para seus autores; mas os crimes, estúpida producção do ciume e do orgulho, de nenhum proveito são para o criminoso; são crimes pois que nenhuma circumstaucia os póde attenuar; porque não ha amor que o tempo não altere; não ha injuria que o tempo não apague; não ha dôr que o tempo não consuma! mas não ha tambem lagrimas que lavem o sangue que se derramou sem necessidade; não ha arrependimento que escureça a lembrança de um crime; não ha finalmente remorsos que resuscitem o morto, miserrima victima do ciume ou do orgulho! Deixemos pois o duello ás nações que, após da novidade, voando do chime-

ra em chimera, soguem a escala da civilisação, sem reformarem seus velhos abusos, e sem terem por fim o bem da humanidade! Deixemo-las embora adornar taes assassinatos com o titulo pomposo de bravura e heroismo, e cobrir as victimas desse nefando heroismo com os purpurios andrajos das misérias humanas! Ha pois, meus filhos, só um duello glorioso e nobre, é aquelle que trava comsigo mesmo o homem generoso e sabio! é a luta que n'uma alma sublime tem a virtude e o vicio! Eis pois o duello que pertence ao homem, é combater suas paixões, doma-las e vencê-las! Quanto ás outras lutas, é o homem rebaixar-se ao nivel dos brutos, é o homem degradar-se de suas nobres faculdades! Agora, meus filhos, vós estais em divida para comigo: careço de mais virtudes vossas para vos perdoar este crime! Geraldo, nenhuma razão tivestes em vossas provocações a Archanjo. Archanjo, o homem com quem vos batestes, não era um emissario de Geraldo. Esse homem nada mais era que um miseravel traidor, rival de vós ambos, o qual queria desfazer-se, primeiro de Archanjo, e depois de Geraldo....

— Esse homem, senhor? perguntou Archanjo.

— Esse homem, que assim me comprometteu, disse o Sr. de Pina, onde está elle?

— Na eternidade!!!

— Morto!!! exclamarão os dous mancebos ao mesmo tempo!

— Oraí por elle, meus filhos!... em um tom doloroso disse o venerando sacerdote.

CAPITULO XII.

OS BOSQUES TEEM OLHOS E AS PAREDES OUVIDOS!

Se nos lembrassemos de que nunca em nossa vida estamos sós um só momento ; que não ha nem podem haver sobre a terra segredos ; que o universo tem por toda a parte olhos e ouvidos ; nós seriamos sempre bons, se não por convicção do bem, ao menos por temor do mal.

Não só a maneira pela qual o padre acabava de surprender os dous mancebos no jardim, como o leitor viu no precodente capitulo . mas tambem as suas palavras a respeito do vulto que com Archanjo se havia medido, erão para os dous moços incompreensiveis mysterios, que mais que muito os enleavão.

O venerando sacerdote, depois de haver, como o leitor viu, reprehendido e exprobrado os dous mancebos, e lhes declarado que o seu desconhecido rival já não vivia, caminhou com elles para debaixo de uma agradavel latada de maracujaeiro, e ahi assentou-se em um banco, mandou os dous rapazes assentarem-se tambem ; o que tendo elles feito, o velho sacerdote proseguiu assim :

— Agora, meus filhos, vós estareis maravilhados de que saiba eu de tudo quanto tem occorrido, e de que, quando menos me esperaveis, me apresentasse diante de vós ! Vêde pois ! vos julgaveis sós, acreditaveis que ninguem sabia de vossas acções ; que ninguem espreitava vossos passos ; e que ninguem velava por vós ; e quando suppunheis que todos em torno de vós dormião descuidosos de vossos destinos, todos vos vigiavão ! Não é só Deus, não é só a nossa consciencia que são as testemunhas de nossas acções ! Em torno de nós tudo vê,

tudo ouve, e tudo nos observa ! Os astros são olhos dos céos ; as flôres o são dos campos ; as espumas dos mares, e as portas e janellas são os olhos das povoações ! A brisa, que passa carregada das nossas palavras, ainda as mais discretamente pronunciadas, vai repercuti-las mais longe ! Eis o porque se diz—os bosques teem olhos e as paredes ouvidos ! Bem vêdes, Geraldo, que era impossivel que os vossos olhares e as vossas affectuosas attenções para com Rosa Branca me escapassem , apezar da minha pouca perspicacia em taes negocios, e escapassem a Rosa, cujo talento, cujo tino e perspicacia são invejaveis. Não é muito curial nem decente fazerem-se declarações ás moças diante daquelles a quem ellas devem respeito ; e vós o fizestes, Geraldo.... Bem sei que Rosa não ouviu o que dissesstes a Rosa Branca ante-hontem neste jardim : mas que querieis vós que pensasse Rosa de vossa conversação com vossa prima, da côr mais que a ordinaria que cobriu seu rosto, e da sua precipitada partida ? Nos paizes onde o pudor das virgens é em pouco avaliado, vemos sem reparo um mancebo a um canto de uma sala conversar com uma donzella, que mui desmazeladamente ahi com elle ri-se, falla, e descora muito á sua vontade. Ora, bem vêdes que muito mal assenta em uma virgem o tomar anteci-

padamente o lugar de uma matrona. A primeira das bellas qualidades de uma mulher, seja qual fôr o seu estado, é o pudor; e se este falta a uma virgem, ella torna-se não só aborrecida, mas até detestavel! Neste paiz, onde a brilhante e especiosa civilisação dos salões não teem estragado as nossas boas e velhas usanças, ha ainda não poucas familias cujas filhas veem pela primeira vez seus noivos só junto do altar. Sei que é levar muito longe o rigor; *est modus in rebus*; mas tambem sei que se a sociedade não póde, nem deve soffrer uma muralha de ferro que separe completamente os dous sexos, tambem a sociedade não póde nem deve soffrer que se arranque, com ridiculas modas, o mais bello attributo da mulher, e que a torna quasi divina entre nós; quero dizer, o pudor! mas demos de barato que uma mulher deslavada era bonito, e até bom; o gosto é tão caprichoso!..... porém aqui nesta terra tal so não estima; e então um homem de siso deve conformar-se com os usos do paiz onde está. *Se fores a Roma faze-te Romano*. Penso pois que andastes mal, infringindo os costumes do paiz e as leis da decencia. Alem disto, suspeito que, fossem quaes fossem as vossas intenções, visto amardes a Rosa Branca, e queredes ser seu esposo; suspeito, digo, que nenhum passo deverieis dar sem previamente me participardes, e direitê, sem me consultardes, ao menos por amizade, quando por mais não fosse....

O Sr. de Pina fez um movimento, como querendo fallar; mas o padre, que o entendeu, sem mudar de tom, continheu:

— Esperai, eu vos peço. Sei que os moços são impacientes, e impetuosos; e que não soffrem por muito tempo uma accusação sem responderem; tambem eu vos não estou accusando; attendei bem; o que vos digo nada mais e que uma simples reflexão de um velho vosso amigo. Desde o primeiro dia em que a esta casa viestes, e que visteis Rosa Branca, logo os vossos olhares começião de revelar o que por ella começava a sentir o vosso coração; vós não o pensaveis, porque diz o *adagio* que *pensao os namorados que os mais teem os olhos tapados*. Depois, a vossa declaração a João Baptista acabou de confirmar o que eu

Rosa suspeitavamos; e, attentas as relações que Archanjo tem nesta casa, e usos e costumes da Europa, previ que entre vós e Archanjo teria de haver alguma scena bem pouco agradável. A vossa declaração a Baptista, tornando-me mais suspeito, tornou-me tambem mais diligente. Eu podia

com uma unica palavra tudo prevenir e remediar; mas penso que um pai ou um tutor tem mais força quando diz a seu filho ou seu tutelado: — Eis-te praticando uma má acção, — do que quando diz: — Sei quo vais praticar uma má acção, — ou — Sei que praticaste uma má acção. No dia em que fizestes o vosso desafio a Archanjo, deveis lembrar-vos, Rosa estava só quando entrastes, ou a achastes só, e Rosa Branca passeava no jardim com Archanjo. Rosa não estava porém só; eu estava com ella; e como tinha a minha malicia, não quiz ser visto por vós. Quando fostes para o jardim, tambem fui, mas por differente caminho; fiquei muito perto de vós outros, e ouvi tudo quanto então dissestes; e, ouvindo, não podia ficar indifferente. No dia aprazado para o vosso duello convidei-vos Geraldo, para me acompanhardes a uma visita, e tomei por pretexto o apresentar-vos a Archanjo. Ora, eu bem sabia que Archanjo não estava em casa naquella tarde em que o procurei, porque tinha feito vigiar seus passos todo aquelle dia; e se não, vêde, Archanjo: sabistes de vossa casa de tarde, pelas seis horas; estuveis em casa de vossos collegas, e dali sabistes para o lugar do encontro ás sete horas e meia. A pessoa que vos seguia e vigiava acompanhou-vos até o lugar em que vos devias encontrar com Geraldo; e ali vos deixando, foi esperar-me no collegio. Sabendo eu da casa de Rosa, onde fingi esperar-vos, dirigi-me ao meu aposento, como o sabeis, Geraldo, pois me acompanhastes; o que não sabeis porém é que, apenas ali me deixastes, segui os vossos passos, acompanhado da pessoa que havia vigiado os passos de Archanjo. É claro, vós o pensareis, que enquanto esperastes por Archanjo eu não estava longe de vós. Pouco depois das nove horas entrastes em casa, e eu fiz outro tanto. Conhecendo eu Archanjo, e sabendo o quanto é elle honrado e circumspecto, entendi que alguma novidade, e grande, o tinha prohibido de medir-se com voso; e confesso que tive meus cuidados e temores a tal respeito. Previ tambem que o vosso encontro no outro dia houvera de ser desagradavel, se por ventura nenhuma desgraça tivesse acontecido a Archanjo, como eu esperava felizmente, logo do manhã descansei deste susto.... Como vos ia dizendo, receiando eu pelo vosso encontro, no dia seguinte, na mesma noite em que o duello devia ter lugar entre vós, escrevi a Rosa, não só para emprazar-vos para aqui, como para prevenir o vosso encontro. Eis pois como soube dos vossos passos; eis o porque me acho no meio

de vós, sem me esperardes, e talvez bem importantemente para vós, como creio que o pensareis. Todavia espero que me não detesteis por haver prevenido um crime entre vós. Onso ainda esperar que reconheçais que não só preveni um crime, mas até que vos fiz um serviço, porque espero que ainda sejais amigos, e muito amigos....

— Creio que não, senhor, disse Archanjo.

— Qual, meu filho !... A vossa desintelligencia não tem uma causa tão forte, que possa conservar entre vós um odio tão duradouro.

— Como ! Vossa Reverendissima diz que ouviu tudo ; nesse caso deve saber o como fui eu cruelmente provocado.

— Não o nego : mas acredito que se Geraldo vos conhecesse, como eu vos conheço, não vos provocaria, como vos provocou.

— E devo então ser amigo de um moço tão inconsiderado ?

— Oh ! todos os moços que amão assim são.

— Não o sou eu, senhor.

— Se tivésseis sido educado na Europa, serieis a mesmissima cousa.

— Então a educação européa faz os homens imprudentes ?

— Não ; não quero ir tão longe : mas parece que ao passo que a civilisação avança, e a humanidade em geral descobre e caminha aos seus direitos, que o respeito individual soffre. Um certo orgulho offusca as mais santas regras da moral, e este orgulho não concede aos outros nem um ceutil da grossa moeda que para si toma ; e então esse orgulho busca decidir pela força questões ou querelas que só a razão decidir deveria ; e o que é mais, questões ou querelas que nem da força e nem da razão dependem ; mas sim de uma vontade estranha ou de um capricho, como, por exemplo, nas questões ou queixas do amor, ou antes da preferencia no coração de uma mulher ! E' que a velha Europa, apezar da sua civilisação, chçira ainda a esses barbaros aromas com que a meia-idade incensava seus costumes. Vós sabeis tudo isto ; e como sois um mancebo de um juizo são, confio que esqueceréis o assomo de Geraldo, que tereis a generosidade de lh'o perdoar, e a bondade de ser seu amigo. Quanto a vós, Geraldo, espero que reconheçais a vossa louca imprudencia ; e lançando-vos nos braços de Archanjo, sejais ainda seu amigo.

— Perdôe-me Vossa Reverendissima, disse Archanjo ; mas é exigir muito....

— Ainda não exigi tudo.

— E que mais, meu tio ? perguntou D. Geraldo.

— Vós fareis as pazes, estou certo disto. Não é possível que Geraldo de Pina e Archanjo Renato não sejam amigos, visto as nobres qualidades que adornão suas almas. O que me falta exigir de vós é muito pouco....

— E então o que é, senhor ? perguntou Archanjo.

— E' que cumprais os vossos deveres.

— Nunca tive outros desejos, disse Archanjo.

— E vós, Geraldo ?

— Também eu, senhor.

— Muito bem, muito bem : assim nos entenderemos. Pois o dever de qualquer de vós é o de reconhecerdes que nem um de vós tem o menor direito sobre a mão de Rosa Branca, e muito menos sobre o seu coração ; que esse coração ella póde dar a quem muito bem quizer, confirmando seu pai essa dadiwa, dando sua mão a quem ella der o seu coração. Concordais comigo ?

— Sim, senhor, disserão os dous moços.

— Nesse caso, continuou o padre, apresentar-vos-heis a Rosa Branca, e ella decidirá entre vós. O preferido será seu esposo ; o preterido, respeitando essa decisão e a felicidade do seu rival, não só resignar-se-ha, como até ficará amigo do outro.

— Eu por mim estou prompto, disse Archanjo.

— E eu não, disse o Sr. de Pina.

— E porque ? disse o padre.

— Porque dei de mão ás minhas pretensões sobre essa senhora....

— Ah ! destes de mão, porque suppondes que entre Rosa Branca e Archanjo haja alguma intelligencia ; mas quanto a mim, exceptuando as relações de familias que existem entre Archanjo e Rosa Branca, desde a infancia desta, acredito que mais nada ha. Assim, se a amais, como o penso, acredito que deveis apresentar-vos.

— Para expor-me a uma derrota !....

— Quem sabe ? E demais, aqui não ha derrota.

— Emfim, farei o que meu tio quizer....

— Não o que eu quero, mas o que é justo. Então amanhã.

— Quando V. Revm. o quizer.

— Pois seja amanhã, disse Archanjo.

— Pois bem ; amanhã, disse o padre, e amanhã também contar-vos-hei a historia do vosso rival, que Deus haja.

Dito isto, o padre voltou para junto de Rosa, acompanhado dos dous mancebos. Archanjo pouco d'pois retirou-se, e o padre e Geraldo fizeram outro tanto.

CAPITULO XIII.

É UMA PEQUENA HISTORIA, MAS INDIGNA, INFAME E ATÉ DETESTAVEL!

A boa fé faz timbre de em tudo acreditar, como a velhacaria de desconfiar de tudo : ainda assim a boa fé moteja das illusões que soffre, e a velhacaria lastima-se dos enganos que leva.

O homem que pelo morro do Castello abaixo havia rolado até a praia de Santa Luzia, chegou á fralda da montanha sem notavel desastre, porque a encosta de certa altura até a baixa era menos ingreme, o toda alcatifada de gramma. Assim sua queda diminuiu gradualmente o peso, de modo que no fim della só foi escorregando suavemente pela gramma, até que parou em um ponto onde a gramma, de crescida que era, offerecia uma bella e macia cama ; e se não fossem dous formidaveis cães que o accomtêrão e obrigárão a pedir soccorro, certamente o homem levantar-se-hia, sem custo, e seguiria para sua casa.

Por felicidade, no fim de sua queda ficou elle junto á casa de vivenda da dita chacara, e ao alarido dos cães e gritos de soccorro acudirão alguns escravos e o feitor ; que o dono da casa e sua familia não estavam então ahi. O feitor quiz primeiro se persuadir que era um ladrão, mas vendo um homem decentemente vestido, e de maneiras affaveis (não acostumado talvez a ver ladrões de gravata lavada), mudou de parecer. O homem, fingindo-se muito mais doente e muito mais pisado do que estava, improvisou uma historia que o feitor engoliu com

a melhor boa vontade do mundo. Esta improvisada historia não vem ao caso, e por isso passemos adiante.

Finda a historia, o ferido, que apezar de ter algum sangue na camisa e no rosto, não tinha ferida alguma consideravel, e, propriamente fallando, não tinha senão arranhões, mettendo na mão do feitor algumas moedas, lhe pediu que fosse ao collegio dos jesuitas, e pedisse ao padre Chagas para vir ouvi-lo de confissão. O feitor partiu, e pouco depois voltou com o veneravel sacerdote : este, vendo o enfermo, disse :

— Aqui estou, meu filho.... fui chamado ; aqui estou....

— Venha, meu padre, venha... disse o homem com voz enfraquecida.

— Então quer confessar-se, filho ?

— Sim, senhor, mas antes tenho que descobrir-lhe uma cousa ; e como della talvez dependa a honra de alguém, julgo que devo dizer-lhe tudo, sem ser debaixo de confissão....

— Então será mister que eu revele a alguém o que vou ouvir ?

— Se assim o julgar conveniente, meu padre

— Pois bem, eu o ouvirei; visto que me julgou digno de sua escolha.

— Meu padre, sei que V. Revm. conhece bem a Sra. Rosa, moradora na rua da Ajuda, assim como toda a sua familia, e sabe quantas pessoas vão a essa casa. O que V. Revm. creio que não sabe é da ardente paixão que pela Sra. Rosa Branca tem seu sobrinho o Sr. D. Geraldo de Pina....

— Sei, meu filho.

— Sabe-o, meu padre?!

— Sim, meu filho, nem ha nisso motivo para tamanha admiração:

— E sabe que o Sr. Archanjo nutre pela mesma senhora igual paixão?

— Suspeito o.

— Mas acredito que V. Revm. não sabe nem suspeita que esses dous moços se desafiarão por esse motivo....

— Não o suspeito, meu filho, sei com certeza.

— Como, meu padre?!

— Sei-o com certeza, filho.... com toda a certeza.

— Esabe se o duello teve logar?

— Sei que não.

— O Sr. D. Geraldo não foi ao logar do encontro?

— Foi; mas Archanjo não appareceu.

— Appareceu, Sr. padre, appareceu.

— Mas D. Geraldo não o encontou, e retirou-se sem bater-se.

— O Sr. Archanjo tinha ido mais cedo, e quando chegou ao logar achou outrem com quem teve de medir-se.

— Outrem!... outrem! mandado por D. Geraldo! Oh! meu filho, disse-me que estou enganado; disse-me que ouvi mal, ou....

— Eu não disse tal, meu padre.

— E então?... então....

— Quem lá foi, não foi por mandado de pessoa alguma.

— Mas.... Nada disto entendo.... Explicai-vos, meu filho.

— Sim, meu padre. É uma pequena historia, mas indigna, infama, o até detestavel: não obstante a vergonha que esta historia causa, é preciso conta-la, porque desta revelação depende a honra de um cavalleiro, isto é, a honra do Sr. D. Geraldo de Pina. Entre muitas ha nesta cidade uma loja de fazendas de vaca o covado, a qual não tinha mais que dous caixeiros, sendo um um meunho de doze annos, o o outro um rapaz lisbonense do vinte o tantos, não feio, bem feito, forte, robusto; um verdadeiro espadachim, sabendo jogar bem as armas, e

por cima de tudo isto ambicioso e audaz. Este caixeiro foi algumas vezes levar fazendas á casa da Sra. Rosa, onde viu a Sra. Rosa Branca: ora, esta menina tem tantos incentivos, que é impossivel vê-la sem ama-la; tão formosa, e de mais a mais tão rica.... O tal caixeiro concebeu as suas esperanças, e começou a affaga-las, sem nunca mais tirar del-las o sentido. O officio de caixeiro permittia-lhe o ir áquella casa com fazendas uão poucas vezes, e nessas occasiões o tal caixeiro rendia á Sra. Rosa Branca as mais obsequiosas finezas. A Sra. Rosa Branca é tão menina, que creio que nunca comprehendeu que taes finezas não erão por causa do negocio, mas sim da compradora. Um dia houve quem lhe dissesse que o caixeiro lhe queria muito, ao que ella respondeu que era porque elle tinha bom coração. Ora, esta resposta tão simples, tão indifferente, e tão distrahida, nenhuma significação podia ter; mas como quando se tem pouco ou nenhum juizo se acredita com facilidade aquillo que se deseja, o fatuo caixeiro não viu, ou não quiz ver nesta resposta tão simples senão um favor ou uma consideração! e desde esse momento entrou a procurar meios de desviar da casa o Sr. Archanjo. Quasi todas as noites o imprudente caixeiro commettia a infamia e indignidade de saltar o muro que de vide a casa da Sra. Rosa com o morro do Castello, e introduzir-se no quintal da casa da grave matrona, e dahi espreitava tudo quanto ali se passava. A mór parte das vezes escondido entre as bananeiras, ali ficava longo tempo vendo e ouvindo tudo quanto no jardim se fazia e dizia. Vamos adiante. Estavão as cousas assim, quando chegou o Sr. D. Geraldo de Pina. O instincto do caixeiro previu neste recém-chegado outro rival, mas que daria que entender ao Sr. Archanjo. Desde então o caixeiro não perdeu mais de vista nem ao Sr. Archanjo nem ao Sr. D. Geraldo de Pina.

Em seguida o enfermo narrou o como, em consequencia de introduzir-se no jardim, foi testemunha do que ali occorreu entre o Sr. de Pina e Archanjo. Senhor pois de todos os segredos que dizião respeito aos dous, este caixeiro foi quem apresentou-se a Archanjo, o com elle bateu-se. O enfermo contou minudadamente ao padre tudo quanto aconteceu no combate entre o caixeiro e Archanjo, até precipitar-se pelo morro abaixo.

O padre, tendo ouvido tudo com attenção e recolhimento, disse depois de algum silencio:

— Mas noto uma cousa....

— E qual é, meu padre?

— Que esse caixeiro, tendo uma pistola, só usasse della tão tarde !

— Esse caixeiro, mou padro, acreditava que logo no principio do combate desse conta do seu adversario : nunca pensou que Archanjo fosse tão habil no jogo da espada, jogo em que elle caixeiro se julgava perfeito ; e suppondo que a sua espada fosse de sobra para Archanjo, reservava a pistola para D. Geraldo de Pina, que acreditava mais valente e mais destro que o Sr. Archanjo ; mas fosse ou não, a espada era para o primeiro, como na realidade aconteceu, batendo-se o caixeiro com o Sr. Archanjo, que ali primeiro chegou, e a pistola para o segundo, no caso que fosse precisa. Além de que, scria imprudencia fazer ouvir um tiro de pistola, sem necessidade, combatendo-se um inimigo, e esperando-se outro....

— Comprehando, comprehendendo.

— Esta historia, Sr. padre, convem que a saiba sómente o Sr. D. Geraldo de Pina e o Sr. Archanjo, para que a honra de um fique rehabilitada no animo do outro.

Eis meus filhos o que me contou o enfermo, e pediu-me que vos revelasse ; quanto ao mais, foi debaixo de confissão. Finda a confissão retirei-me, promettendo ir vê-lo no outro dia....

— E Vossa Reverendissima viu alguma vez esse caixeiro ?

— Se alguma vez o vi, neste momento não o podia reconhecer, porque a luz era fraquissima, e elle tinha o rosto envolto em um lenço atado pelos queixos. No outro dia fui vê-lo, e o feitor da chacara disse-me que o enfermo, pouco depois da confissão, fôra em uma rede para sua casa, onde pouco depois expirára. Agora, meus filhos, vêde como o homem pôe, e Deus dispõe. Este homem destro, valente e manhoso, creu sua espada bastante para um só inimigo, e por cautela levou uma pistola para o segundo, se fosse preciso. Ora, o plano não parece mal combinado : como homem corajoso, cheio de forças e habil, contava desfazer-se do primeiro ; chegando o segundo, se estivesse exausto de forças, restava-lhe a pistola para com ella livrar-se delle ! Meditava pois este desgraçado nada menos que duas mortes ; era um grande crime, e este grande crime librava-se apenas na fragil folha de uma espada e no falso cão de uma pistola. A espada cede ao peso da traição e despedaça-se ; a luz da pedrreira esconde-se no manto da perfidia, e deixa de inflamar a morte, que se occultava no cano da pistola ! o a Providencia, que havia frustrado o crime,

conduz o criminoso á sua punição ! Os máos, meus filhos, são algumas vezes protegidos pelos demonios, e eis o porque os seus planos logrão alguns effeitos ; não é porque seus planos sejam bem combinados que elles são algumas vezes felizes, pois os máos são sempre mal inspirados : este desgraçado é a prova ; elle andaria melhor se deixasse vós outros vos baterdes. O vosso duello não podia ter lugar, visto que eu o preveniria ; mas elle ignorava esta circumstancia : então ignorando isto, se fosse prudente deveria deixar bater-vos ; tendo lugar o vosso duello, mal aconselhado, um de vós pelo ciume, e o outro pela raiva, mal dirigirieis os vossos golpes ; e, ou morrerieis ambos, ou um, ou ficariéis feridos ambos ou um : no primeiro caso ficaria livre de ambos os seus rivaes ; no segundo podia com facilidade livrar-se do vencedor ; no terceiro o mesmo ; e em nenhum caso comprometteria talvez a sua pessoa e vida. Sois moços ; diante de vós ha ainda longos dias, e Deus vol-os conceda : pois bem ; nesse futuro que diante de vós se abre, e que tendes de percorrer, e talvez com bem variados acontecimentos, aproveitai-vos deste exemplo.... meditai bem sobre elle ; sede bons e sede prudentes.

— E como se chamava esse homem ? perguntou Archanjo.

— Que homem ? perguntou tambem o padre.

— Esse caixeiro que se bateu comigo ?

— Isso eu o soube debaixo de confissão.

Os dous mancebos caláráo-se respeitadamente. No mesmo instante vierão annunciar ao padre que alguém lhe queria fallar. O Reverendissimo deixou o jardim, e veiu ao encontro de quem o procurava. Este fallou pois ao padre desta maneira :

— Sr. padre, segundo as suas recommendações sobre o *Triumpho*....

— Sim... sim, disseo padre com voz rapida e prazenteira, então já chegou o *Triumpho* ?

— Não, Sr. padre.... e....

— E.... então ? !

— Não correm boas noticias do *Triumpho*.

— Mas que se diz ? o que aconteceu ? tornou o padre de um modo impaciente.

— Que naufragára nos Abrolhos ?

— Oh ! e os passageiros ? os passageiros ?

— Dizem que morrerão todos.

O padre, lançando um doloroso suspiro, tapou com as mãos os ouvidos, como para não ouvir essa phrase terrivel — morrerão todos — que, despedaçando seu coração, havia mergulhado sua alma n'um

profundo abysmo de dôr ! Depois, recuando tremulo e pallido, como diante de uma visão, deixou-se cahir sobre o canapé, e quasi desfallecido exclamou

com um accento duvidoso, como o accento lugubre do moribundo :

— Benedicto !!!



CAPITULO XIV.

É UM POBRE MENINO QUE NÃO CONHECE SEUS PAIS.

Se o nosso coração estivesse tão predisposto para a dôr como para o prazer, a dôr baldaria seus golpes de encontro ao broquel da nossa prevenção, e talvez que a nossa felicidade fosse inalteravel quer nas dôres, quer nos prazeres !

Voltemos a um ponto já passado. O narrador julga necessaria uma breve explicação

Quando o traidor que se tinha medido com Archanjo cahiu na chacara da praia de Santa Luzia, sabe o leitor do pedido que elle fez ao feitor ; feita a declaração que sabemos, e a confissão, o padre julgou de seu dever ahí demorar-se mais tempo, mas o enfermo lhe pediu que se retirasse, dizendo que se não incommodasse mais, que, no caso de seu estado se tornar mais critico, elle o avisaria. Com effeito, o padre Chagas retirou-se ; mas no outro dia, logo que teve tempo, foi á chacara da praia de Santa Luzia a saber como o enfermo tinha passado. O feitor disse-lhe então :

— Ah! Sr. padre! o homem morreu....

— Morreu?! tornou o padre, e a que horas?

— Lá pela madrugada.

— Mas conte-me ; como foi isso?

— Ao depois que Vossa Reverendissima sahio, elle chamou-me, e pediu-me para ir buscar-lhe uma rede ; eu fui, e elle ahí ficou a gemer que fazia pena ; voltei com a rede, e elle não sei lá o que disse aos pretos ; parece-me que lhes ensinou a casa : ao depois com muito custo o puzemos na rede ; nisto começou a gemer mais, e pouco depois foi-se.

— Coitado!

— Ah! coitado!

— E os pretos o levirão assim mesmo morto?

— Sim, senhor : parece-me que elle lhes havia ensinado a casa.

— E Vm. não perguntou aos pretos para onde o levavão?

— Ah! como? Eu estava com medo, e com muita vontade de ver aquelle corpo fóra de casa....

— Mas medo de que?

— Que sei eu? Estou aqui ha pouco tempo, não sei dos costumes da terra, e tive receios de que dali me viesse algum mal.

— Está bom : agora rezemos por sua alma.

— Ah! sim, senhor, eu já lhe tenho rezado uma meia duzia de Padre-Nossos : é o mais que posso fazer.

— Pois sim, meu amigo, adeus.

Eis o porque o padre Chagas acreditava na morte do sujeito que se batêra com Archanjo.

Será bom que o leitor saiba que toda esta historia era uma escandalosa mentira. O tal enfermo foi que dictou tudo isto ao feitor, que, mediante algumas moedas de prata e algumas ameaças, se bem não desempenhasse o seu papel, o represen-

tou perfeitamente bem. O pretendido enfermo, com alguns leves ferimentos e contusões que mui pouco cuidado merecião, depois de sua sacrilega confissão e retirada do padre, retirou-se tambem sem soccorro de rede, o nem de pessoa alguma.

Agora voltemos ao ponto em que deixámos o nosso padre ferido de uma noticia que lhe tirou quasi a razão.

O padre Chagas, voltando a si de uma como vertigem, achou-se nos braços de Rosa, rodeado de D. Geraldo, Archanjo, Rosa Branca, e de alguns famulos da casa. Aponas recobrada a palavra, o primeiro uso que della fez foi para pronunciar o nome que com sangue a dôr havia n'aquelle momento critico estampado em seu coração: assim encarando com Rosa, com voz lamentavel exclamou:

— Benedicto!

— Mas o que ha? o que aconteceu? balbuciou Rosa como attonita.

— Naufragado... morto... tão moço!...

— Mas donde veiu essa noticia? quem sabe disso?

— Vêde... foi esse homem que ahí está...

— Eu não sei quem morreu e quem não morreu, disse o homem a quem o padre se referia, o que se diz é que o brigue naufragára nos Abrolhos, o que morrerão quasi todos, escapando só o capitão e dous homens da equipagem.

— Não o ouviste? gemeu o padre. Louvado seja Deus! Entreguei-me ao excesso de uma dôr passageira... e qual é a dôr que o não é no mundo?! Amava-o... elle era tão bom!... mas Deus o amou roais do quo eu, e achou-o digno de suas misericordias... não devo pois queixar-me! Louvores ás suas graças. Pequei em um excesso de dôr! A humanidade é tão fraca, tão mesquinha de recursos em suas penas, tão desamparada enfim...

— E depois, para quo nos affligirmos sem um justo motivo? Não ha ainda certeza dessa desgraça, disse Rosa.

— Pensais assim?

— Oh! porquo não? Quom nos assegura quo elle viesse nesse navio?

— Ello escreveu-me, minha filha, e dizia-mo que vinha no brigue *Triumpho*, que em breve partiria do Lisboa.

— Comtudo, podia não tor vindo.

— Deus o permitta: se porém vinha no *Triumpho*, faça-so a vontade de Deus.

O padro mostrou-se um pouco mais resignado,

e tendo sahido o mensageiro da infausta nova, perguntou Rosa Branca:

— Então quem é o Benedicto?

— E' um pobre orphão, minha filha, respondeu-lhe o padre.

— Oh! coitadinho!

— Sim, coitadinho! E' um pobre menino que não conheceu seus pais; foi exposto logo que nasceu, affeioei-me á sua desgraça, e procurei fazer por elle alguma cousa; Rosa, tua tia, foi sua madrinha, e debaixo de nossos olhos elle cresceu com as mais bellas disposições possiveis: já crescido, affeioei-me ás suas bellas qualidades, como, sendo menino, affeioei-me á sua desgraça. Aos onze annos foi para Portugal: desejava eu que por lá ficasse, mas elle tinha saudades de mim, e eu tambem as tinha delle: formado em direito, mandou-me pedir licença para voltar ao Brasil; eu não queria que elle para cá voltasse, e sim que... quero dizer, os interesses aconselhavão que por lá se ficasse; mas o amor queria que voltasse, e assim o coração desaprovava o que a cabeça queria. O meu pobre Benedicto era tão bom, que aactual eu jáo desejava a meu lado: consenti nisso, e mandei-lhe dizer que viesse: mandou-me dizer que vinha no brigue *Triumpho*.... Eis agora uma noticia bem má.

— Está bom, paizinho, disse Rosa Branca, nos afflijamos; meu coração me diz que elle não veiu nesse navio.

— Deus o permitta, minha filha.

— Sim, meu paizinho, Deus ha de tê-lo preservado dessa desgraça.

— Veremos.... veremos.

Pouco depois o padre sahiu.

O leitor comprehende bem que a occasião não era azada para tratar-se da decisão ou juizo de Rosa Branca entre os seus dous pretendentes.

Quanto á noticia que acabavão de receber, o padre estava quasi inteiramente persuadido de que Benedicto era morto; Rosa pensava do mesmo modo, e suas palavras não erão mais que um meio de adoçar a noticia, por assim dizer; de modo que quando chegasse a sua confirmação, já esta achos o coração do padro como que aparelhado para recebê-la. Archanjo e o Sr. de Pina erão da opinião do Rosa; só Rosa Branca discordava de todos.

Logo que Rosa Branca viu-se só com sua tia, encetou com ella a seguinte conversação:

— Madrinha, Vm. nunca me havia fallado do Benedicto....

— E' verdade, minha filha, respondeu Rosa, mas é que nunca se offereceu occasião disso.

— O paizinho quer-lhe muito, não é assim?

— Sim, quer-lhe.

— E eu tambem, ainda que o não conheço.

— E porque?

— Porque creio que elle ha de ser muito bom.

— E se não o fôr?

— Oh! não! Uma pessoa a qual o paizinho quer tanto, deve ser muito boa.

— Na verdade, era muito bom moço.

— E' bonito?

— Assim.... assim: é moço.....

— Eu hei de vê-lo....

— E se tiver morrido?

— Qual, madrinha? Não morreu, não.

— Que certeza, menina!

— Meu coração me diz que elle não veio nesse navio que naufragou, e que ha de aqui chegar são e salvo.

— Deus o permitta, minha filha.

Depois desta desoladora noticia alguns poucos dias decorrerão, e estes poucos dias erão passados n'uma morna agitação ou temerosa expectativa. O padre fallava pouco, e parecia pensar muito, como

abysmado n'uma dolorosa melancolia. Os dous mancebos, que pretendião a mão da bella Rosa Branca, durante estes afflictos dias em nada tocáião ácerca de suas pretensões; ambos entendião que o coração do padre estava envolvido no tenebroso véo de uma dôr angusta, e o respeito para com essa dôr, e a delicadeza exigião que qualquer das pontas desse véo fosse religiosamente respeitada.

O narrador julga conveniente fazer aqui uma reflexão que lhe parece ter toda a cabida, e é que o leitor perguntará, e com toda a razão, se Rosa Branca sabia desse ajuste feito entre o padre e os dous mancebos, ajuste em que ella deveria representar o principal papel!... Com effeito, Rosa Branca de nada sabia; mas como nesse ajuste sua vontade era inteiramente absoluta, em nada era prejudicada a sua dignidade por essa falta de participação.

Agora os acontecimentos que se vão seguir são de tal natureza, e teem de tal sorte de mudar os destinos dos nossos personagens, apresentando novos e imprevistos casos, que o narrador termina aqui o fio das disposições de sua historia, para entrar em circumstancias mais reconditas, ou antes em alguns mysterios.

FIM DO SEGUNDO TOMO.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).